

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

RAFAEL MANO DIVERIO

**A VIDA DE CHINESINHO : ANÁLISE DE JORNAIS DE RIO GRANDE, PELOTAS,
SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO**

Porto Alegre

2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RAFAEL MANO DIVERIO

A VIDA DE CHINESINHO: ANÁLISE DE JORNAIS DE RIO GRANDE,
PELOTAS, SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada ao curso de
Pós-Graduação em Comunicação Social,
como requisito básico à obtenção do título de Mestrado da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2019

Ficha Catalográfica

D618v Diverio, Rafael Mano

A vida de Chinesinho : Análise de jornais de Rio Grande, Pelotas, São Paulo e Rio de Janeiro / Rafael Mano Diverio . – 2019.

113.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Beatriz Corrêa Dornelles.

1. Chinesinho. 2. futebol. 3. Rio Grande. 4. valores-notícia. I. Dornelles, Beatriz Corrêa. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363



AGRADECIMENTOS

A minha família, toda ela, por tudo o que fez por mim, em todos os momentos da minha vida. Ainda mais no mestrado.

As minhas orientadoras, Dóris Haussen, por ter me aceitado no mestrado depois de orientar na graduação, e, especialmente, Beatriz Dornelles, por ter passado por tudo e não ter me deixado esmorecer.

Aos amigos, pelo incentivo nas horas complicadas e pelas sugestões quando apareceram as incertezas.

Aos colegas de Zero Hora, Rádio Gaúcha e GaúchaZH pela compreensão da importância do estudo. Centralizo no Diego Araújo o agradecimento coletivo.

A Willy César Martins Ferreira, que lutou enquanto pôde para viver, e deixou um legado de amor a Rio Grande e sua memória.

Aos entrevistados, que tanto colaboraram com essa pesquisa. A Chinesinho, por ter sido genial.

RESUMO

Um dos mais importantes jogadores de futebol nascidos no Rio Grande do Sul, Chinesinho não recebeu dos gaúchos o mesmo destaque de outros atletas, contemporâneos ou não. Essa pesquisa tenta recuperar o que foi publicado sobre ele em jornais de Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e até em publicações da Itália, onde fez carreira, para entender qual enfoque mereceu ao longo da trajetória. Há uma análise do enquadramento das matérias nas quais recebeu maior destaque, com base nos consagrados valores-notícia notoriedade e localismo.

Palavras-chave: Chinesinho. Futebol. Rio Grande. Valores-notícia.

RIASSUNTO

Uno dei più importanti calciatori nati nel Rio Grande do Sul, Cinesinho non ha ricevuto dai conteranei lo stesso apprezzamento rispetto ad altri atleti, contemporanei o no. Questa ricerca prova a recuperare quello che è stato pubblicato su di lui in giornali da Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro ed anche in siti italiani, dove ha fatto carriera, per capire quale punto di vista ha ricevuto nella vita. C'è una analisi dal focus degli articoli in cui ha ricevuto più stacco, tenendo in conto consagrati criteri di notizie notorietà e prossimità.

Parole-chiavi: Chinesinho. Calcio. Rio Grande. Criteri di Notizie.

ABSTRACT

One of the greatest soccer players born in Rio Grande do Sul, Chinesinho was not recognized by his countymen like other athletes, from the same age or not. This research tries to recover the news about him published in newspapers from Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro and also in italians websites, where he played, to understand the view he had in the lifetime. There is an analysis of the focus from the articles which was spotlighted, using the news theories notability and proximity.

Keywords: Chinesinho. Soccer. Rio Grande. News Theories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jornal Rio Grande de 18 de janeiro de 1955, p. 7.....	69
Figura 2: Jornal Rio Grande, 28 de março de 1956, contracapa.....	71
Figura 3: Jornal Rio Grande de 7 de abril de 1956, p.7.....	74
Figura 4: Diário Popular, 18 de abril de 2011, p.16.....	75
Figura 5: Diário de Notícias, 12 de maio de 1960, p. 12.....	80
Figura 6: Jornal do Dia de 19 de julho de 1958, p.8.....	81
Figura 7: O Estado de S. Paulo, 3 de abril de 2005, p. 189.....	84
Figura 8: Jornal do Brasil de 11 e 12 de agosto de 1968, p. 38.....	89
Figura 9: Revista dos Esportes 19 de março de 1960, p. 11 e 12.....	90
Figura 10: Revista dos Esportes de 23 de junho, p. 16 e 17.....	93
Figura 11: Revista dos Esportes de 28 de agosto de 1965, p. 14 e 15.....	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 ENTREVISTAS.....	21
1.2 PESQUISA DOCUMENTAL.....	24
2 JORNALISMO IMPRESSO NO BRASIL	26
2.1 JORNALISMO ESPORTIVO IMPRESSO NO BRASIL.....	30
2.2 IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL.....	33
2.3 IMPRENSA EM RIO GRANDE.....	37
2.4 IMPRENSA EM PELOTAS.....	40
2.4.1 O Diário Popular	41
3 CHINESINHO	42
3.1 NO RIO-GRANDENSE.....	43
3.2 NO INTER.....	45
3.3 NO PALMEIRAS.....	48
3.4 NA ITÁLIA.....	52
3.5 O PÓS-FUTEBOL PROFISSIONAL.....	56
3.6 VIDA PESSOAL.....	57
4 COMO A MÍDIA DEFINE UM CRAQUE	61
5 ANÁLISE DE MATÉRIAS	67
5.1 JORNAL RIO GRANDE.....	68
5.1.1 Janeiro de 1955	69
5.1.2 Março e abril de 1956	71

5.2 DIÁRIO POPULAR.....	75
5.3 DIÁRIO DE NOTÍCIAS.....	77
5.4 JORNAL DO DIA.....	80
5.5 O ESTADO DE SÃO PAULO.....	82
5.6 JORNAL DO BRASIL.....	86
5.7 REVISTA DOS ESPORTES.....	90
5.7.1 Março de 1960	90
5.7.2 Junho de 1962	92
5.7.3 Agosto de 1965	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	104

1 INTRODUÇÃO

Existe uma profunda ligação da cidade do Rio Grande, ao sul do Rio Grande do Sul, com diversos pioneirismos. Não só gaúchos, mas também brasileiros. Poderia-se citar que o município é reconhecido como o primeiro a ser fundado no Estado, oficialmente pelo Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737 - extraoficialmente, pelo desbravador Cristóvão Pereira de Abreu, um ano antes. A partir disso, há outros fatos históricos que se seguiram a essa data em nível regional e até nacional. Na religião, a construção da primeira igreja, a Catedral de São Pedro (em 1755). Na política, a estruturação da primeira Câmara de Vereadores (1751). Nos negócios, a primeira organização empresarial, a Câmara do Comércio (1844). Nas forças armadas, a primeira Capitania dos Portos (1760). No esporte, o clube mais antigo do Brasil ainda em atividade, o Sport Club Rio Grande, em 1900 (CESAR, 2016).

Também não faltaram figuras de destaque nascidas na antiga Província de São Pedro, que, de uma forma ou outra, causaram profundas marcas na história do Estado e do Brasil. É de Rio Grande o patrono da Marinha, Joaquim Marques de Souza, o Almirante Tamandaré. É de Rio Grande Marcílio Dias, morto na Batalha do Riachuelo. Nasceu no mesmo solo o General Antônio de Souza Netto, líder da Revolução Farroupilha, e a doutora Rita Lobato, primeira mulher a exercer medicina no Brasil.

No esporte, Rio Grande tem um personagem que uniu o destaque ao pioneirismo. Sidney Colônia Cunha, o Chinesinho, foi um dos maiores jogadores de futebol do Rio Grande do Sul no final dos anos 1950, do Brasil na metade inicial da década de 1960 e da Itália na parte final e no início dos 1970. Filho de Chinês, um campeão estadual e craque do *Foot-Ball Club Rio-Grandense*, Chinesinho raramente recebeu de sua terra natal um destaque maior do que algumas linhas de jornal e vagas lembranças em conversas informais.

Seria Chinesinho um craque? Teve ele, durante a carreira, sucesso suficiente para entrar no panteão dos maiores praticantes do esporte? Buscamos essas respostas com aqueles que, normalmente, consagram as personalidades: os analistas de futebol de diversas épocas e cidades que tenham conhecido ao menos a história de Sidney Colônia Cunha.

Com a pesquisa, queremos decifrar quais os critérios da imprensa para dar destaque aos critérios de notabilidade e localismo, dois aspectos da noticiabilidade. Tentamos entender como os comentaristas classificam os jogadores e averiguar onde se encaixa Chinesinho nos contextos nacional, estadual e municipal do ponto de vista histórico. Sabemos de antemão que Chinesinho foi figura de destaque na história futebolística brasileira. Esperamos que haja uma atualização da bibliografia sobre a imprensa rio-grandina e, principalmente, será um embrião para uma obra a respeito desse importante nome do futebol e as investigações sobre as definições de talento na mídia esportiva.

Quanto ao jornalismo, buscamos entender como foram aplicados os tradicionais e consagrados critérios de noticiabilidade conhecidos por notoriedade e localismo. Por localismo, entende-se não só a informação sobre eventos ocorridos em uma determinada região, mas também a divulgação sobre pessoas nascidas ou consagradas nessas regiões. Mercadé (1992 apud DORNELLES, 2010, p. 239) afirma:

Para além do território, há ainda a referir outros critérios determinantes para a delimitação e formação dos conteúdos da imprensa local e regional (...). Questões como a sede territorial da publicação; o seu âmbito de difusão e cobertura; a vocação e intencionalidade da publicação; o tratamento dado aos conteúdos; a percepção do jornal sobre o leitor; e a relação com as fontes de informação institucionais.

Ainda nessa análise, “a vocação, a intencionalidade, os conteúdos e a percepção sobre o leitor são determinados pelo contexto local ou regional”. Para Dornelles (2010), “os itens apontados por Mercadé são mais completos, pois valoriza outros aspectos, que não apenas os relacionados à localização geográfica dos jornais”.

Já sobre a notoriedade, Wolff (2002) classifica como um critério substantivo. Segundo ele, o grau e a hierarquia dos indivíduos influenciam na noticiabilidade. Em resumo, quanto mais poderoso ou famoso é o protagonista do fato, maior é a chance de ser noticiado. Por graus de hierarquia, podem estar incluídos fatores como poder econômico, prestígio ou, no caso específico do trabalho, sucesso esportivo.

Como Chinesinho se enquadra nos dois quesitos, o da notoriedade (por seus feitos enquanto atleta) e o da proximidade, ou localismo, é de se supor que seja assunto com frequência na imprensa de sua cidade natal. E neste ponto, cabe outra teoria a ser levada em consideração na análise, a do mito.

O mito do herói está nas mitologias clássicas de diversos povos e épocas. Gregos, romanos, populações do Oriente, Idade Média e tribos contemporâneas. Homero, o poeta épico da Grécia, classificou como “herói” os homens com coragem e méritos. Seriam os favoritos entre os deuses. Hesíodo definia os heróis como o fruto da união de um deus e uma mortal – ou de uma deusa e um mortal.

Campbell define:

O homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, idéias e inspirações dessas pessoas vêm das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. (...) O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal –, renasceu. Sua segunda e solene tarefa é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade) retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (CAMPBELL, 2005, p. 28).

Campbell explica que a jornada do herói tem um caminho comum, representado nos rituais de passagem: separação – iniciação – retorno. A isso, dá o nome de “unidade nuclear do monomito”.

A separação é o momento no qual o herói é convocado pelo destino, quando é chamado para a aventura. Uma vez aceitado o desafio, o personagem encontra-se com um coadjuvante que vai protegê-lo dos inimigos. A seguir vem a iniciação.

Esta etapa é composta pelas aventuras do herói ao longo do percurso. Vêm recheadas de caminhos perigoso, provas, tentações e conquistas. É quando o aventureiro deve abandonar o orgulho, a virtude, a beleza e prestar atenção unicamente ao seu trabalho, mesmo que pareça impossível. Nesse período há o encontro com a deusa, quando o herói descobre o amor e a mulher transforma-se em uma espécie de guia para sua vida. O passo seguinte é a capacidade do herói de compreender seu lugar no mundo.

A crença em algo como Deus ou na própria jornada permite a ele buscar a confiança para prosseguir. Há enfrentamentos com o superior, questionamentos sobre as ordens recebidas. Então ocorre uma epifania, uma apoteose, quando a iluminação aparece na alma do herói.

Por fim, há o retorno. Trata-se da volta para casa do herói – que pode ser abençoado pelos deuses ou fugindo –, trazendo os ensinamentos e os poderes conquistados na jornada.

Assim, pode-se afirmar que o herói evolui ao longo da jornada e é um espelho de cada estágio da evolução da personalidade. Ao longo do tempo, o mito teve transformações, passando do caráter mágico-religioso até chegar à crença atual, de racionalização e à consciência plena (ELIADE, 2006). Os vestígios da herança humana do ritual decaíram. Para Campbell (2005), se nas sociedades primitivas o sentido residia no grupo e nas formas anônimas, o contemporâneo afirma que todo sentido está no indivíduo. O homem está dividido em duas partes, com um corte da comunicação entre o consciente e inconsciente.

Hollis (2005) aponta que, ainda que estejamos vivendo em um mundo que diminui o indivíduo, o herói de hoje está em cada um de nós, embora o acesso a ele seja restrito:

O mitologema do herói é uma personificação da energia necessária para servir à agenda transpessoal da vida, especialmente suas consequências desenvolvimentistas. Somos trazidos aqui, e todas as células sabem disso, para (...) florescer, para florir. Ao mesmo tempo, existem forças enormes que se opõem a esse desenvolvimento (HOLLIS, 2005, p. 71).

Esse resumo da jornada do herói pode ser aplicado ao esporte. É uma das áreas mais destacadas quando entra o discurso de “atitudes heroicas”, com constantes comparações dos obstáculos superados pelos atletas aos de campos de batalha da mitologia. Para Katia Rubio (2001), a identificação é ainda maior:

Há uma para a prática esportiva, que em muitos casos significa deixar a casa dos pais e enfrentar um mundo desconhecido e, por vezes, cheio de perigos. Sua chegada ao clube representa a iniciação, propriamente dita, um caminho de provas que envolve persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte. A

coroação dessa etapa é a participação na Seleção Nacional, seja qual for a modalidade, lugar reservado aos verdadeiros heróis, onde há o desfrute dessa condição (RUBIO, 2001, p. 99).

Segundo Rubio, vida do atleta, no imaginário, é vista como uma sucessão de facilidades, fama e sucesso financeiro. O jogador é invejado pelas vitórias, mesmo que tenha sofrido derrotas na carreira. Na sociedade midiaticizada, esse discurso de heróis contemporâneos dos esportes é comparado às figuras mitológicas. O esporte absorve a relação mítico-religiosa, principalmente se for pensado como um rito, seja pelo evento (jogo, partida, duelo...), suas regras, sua duração e seus protagonistas, mas como também pela relação com público (torcedores, fãs, devotos...).

Essas narrativas construídas pela mídia encontram maior significado ao considerarmos o futebol com um fenômeno de comunicação que produz imagens e mensagens, constituindo-se em um lugar onde o público se identifica e se une em torno de um grande espetáculo (IHITZ, 2016).

Trata-se de um trabalho de recuperação histórica e jornalística. Isso porque, ao longo do tempo, convencionou-se utilizar a imprensa como ferramenta de memória, principalmente os jornais, por terem periodicidade constante e diária, prestaram-se a guardar arquivos, desmentir lendas e confirmar fatos. No fim das contas, reler antigas publicações ou ouvir e assistir a velhos programas é, sim, recontar a história.

A utilização da imprensa como fonte de pesquisa para o ofício do historiador é um fenômeno recente dentro da historiografia. Pode-se dizer que é um reflexo da rebelião historiográfica contra a velha Escola Metódica. A “rebelião” buscou não apenas uma nova interpretação do conhecimento histórico, mas também novas fontes de pesquisa para o historiador. O novo olhar também levou o historiador a uma nova leitura das suas fontes – que deixaram de “falar por si” e se tornaram passíveis de interpretação (OLIVEIRA, 2011, p. 126).

Ainda que as publicações, de um modo geral, e no Interior mais ainda, se prestem ao papel de “recontadoras” de histórias, é preciso reforçar as palavras de Barbosa:

Na verdade, o que aproxima o ofício do jornalista ao trabalho do historiador é o olhar com que deve focar os fatos. Não se procura a verdade dos fatos, mas tão somente interpretar, para, a partir de uma interpretação – onde não se nega a subjetividade de quem a realiza – tentar registrar um instante, no caso do jornalismo, ou recuperar o instante, no caso do historiador (BARBOSA, 1998, p. 87).

Além de analisar o conteúdo das publicações, é preciso observar também o contexto dos jornais – e até de parte da sociedade – da época. Nos anos 1950, 1960 e 1970, o Brasil como um todo sofreu as mais variadas mutações. Rio Grande, especificamente, por sua importância marítima, foi reflexo disso. Assim, será necessário trazer à tona essa realidade ao longo da pesquisa.

Esta é uma pesquisa qualitativa e documental, que visa decifrar os critérios jornalísticos utilizados pelos repórteres e comentaristas esportivos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a partir da análise de textos publicados em jornais impressos e em entrevistas de ordem informativa. As publicações escolhidas foram o Jornal Rio Grande, o Diário Popular, o Diário de Notícias, o Jornal dos Esportes, o Estado de S. Paulo.

Para a realização desta dissertação, utilizamos como metodologia a análise de conteúdo, aqui entendida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens e indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. A análise de conteúdo, nada mais é, do que um meio de investigação (BARDIN, 2009, p. 44).

Originalmente, técnicas da análise de conteúdo foram usadas na investigação psicossociológica e nos estudos das comunicações de massas. Ao longo do tempo, percebeu-se que as aplicações são diferentes, já que podem até trazer novas respostas e novas perguntas. Por sua fácil aplicabilidade, essa técnica se presta para variadas ocasiões:

Sou investigador sociólogo e o meu trabalho visa determinar a influência cultural das comunicações de massa na nossa sociedade. Sou psicoterapeuta e

gostaria de compreender o que as palavras dos meus clientes – os seus balbucios, silêncios, repetições ou lapsos – são suscetíveis de revelar no seu ramo para a superação das suas angústias ou obsessões. Sou historiador e desejaria saber, baseando-me nas cartas enviadas à família antes da catástrofe, a razão pela qual determinado batalhão se deixou massacrar, aquando da Primeira Guerra Mundial (BARDIN, 2009, p. 29).

Bardin deixou claro para que serve a análise de conteúdo: desvendar. Escancarar quaisquer aspectos escondidos, afinal, é o que realmente importa nesta metodologia, criada em primeira instância para estudar comunicação.

A análise de conteúdo fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem, seja esta linguística, psicólogo, sociólogo, crítico, literário, historiador, religioso ou profano que deseja distanciar-se da sua leitura aderente (BARDIN, 2009, p.163).

Esta pesquisa segue a ótica de categorização de análise conforme Bardin. Dentre esses aspectos, mais do que conhecidos entre os pesquisadores, ressalta-se a inferência. Aos olhos de Bardin (2009), ela permite que o cientista possa ir além da descrição do conteúdo da mensagem. O entendimento, o ensinamento e o conhecimento por trás daquilo que não quer se revelar podem ser conhecidos por meio das ligações de verdades já conhecidas, que resultam em uma dedução conclusiva. A inferência carrega consigo as causas, as consequências e os efeitos. É a partir dela que se encontram as respostas e se formulam novas perguntas.

A primeira etapa desta metodologia é, justamente, a descrição pura (apresentação das características do texto). A última é a interpretação (o que significa cada dado). “A inferência é o procedimento do meio, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma a outra.” (BARDIN, 2009, p. 41).

De acordo com o método, a análise de conteúdo ocorre em três fases cronológicas. A primeira é a pré-análise, o planejamento do trabalho. A segunda seria a exploração do material, a análise propriamente dita. Por fim, há o tratamento dos resultados obtidos e sua posterior interpretação. Para alcançarmos plenamente nossos objetivos, acrescentamos ao método a técnica de entrevista.

A fria análise do conteúdo das publicações e a posterior categorização não seriam suficientes para explicar o contexto das publicações. É preciso situar Rio Grande, imprensa escrita, possibilidades de informação e outros aspectos para complementar a análise de texto. Neste caso, cabe adaptar o enquadramento.

Para definir esse conceito de enquadramento,

parte-se do pressuposto de que apesar do seu uso crescente nos estudos sobre processos de comunicação, as primeiras revisões sistemáticas da literatura sobre enquadramento sugerem que ainda existe uma falta de clareza nos diversos usos do conceito e que muito precisa ser feito para se desenvolver uma teoria abrangente e coerente (PORTO, 2002, p. 3).

Se não existe uma classificação definitiva sobre o que seja o enquadramento da mídia, é possível, segundo Porto, distinguir suas características principais. Para isso, servem os estudos já realizados. O primeiro pilar para conceituar enquadramento é a obra *Frame Analysis*, do sociólogo Erving Goffman (1986). O pesquisador montou sua articulação teórica em uma aplicação para analisar interações sociais. No livro, Goffman define enquadramentos: “Princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos” (PORTO, 2002, p. 4). Nesta linha, enquadramentos seriam pontos interpretativos gerais, construídos socialmente que garantem às pessoas compreenderem eventos e situações sociais.

Partiu de Gitlin a pioneira definição do conceito de enquadramento em um sentido mais claro:

Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GITLIN, 1980, p. 7).

Nessa primeira revisão mais sistemática a respeito dos estudos sobre os enquadramentos da mídia, Entman (1994) define:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns

aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994, p. 294).

Nesse sentido, analisaremos as notícias quanto a questões como o tamanho, número de linhas, no caso, configurando-se em nota ou notícia, qualificação do texto (se a informação é positiva, negativa ou neutra) e o tom (advertência, sucesso, fracasso).

1.1 ENTREVISTAS

Por se tratar também de uma revisão a respeito de um personagem cuja memória sobrevive entre seus contemporâneos, é possível unir outra técnica a essa pesquisa. A entrevista é uma das ferramentas mais utilizados pelos pesquisadores, especialmente quando se trata de história recente.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas. (RICHARDSON, 1999 *apud* BRITO JÚNIOR e FERES JÚNIOR, 2011).

Em revisão de Brito Júnior e Feres Júnior (2011), pesquisadores recorrem à entrevista sempre que veem necessidade de checar dados que não conseguem encontrar em fontes documentais, mas sabem ser possível na transmissão de pessoa para pessoa. Desta forma, a entrevista precisa ser conduzida racionalmente, com um roteiro previamente estabelecido, “para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo”. (ROSA e ARNOLDI, 2006).

Ribeiro (2008) afirma, sobre entrevista:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e

valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores (RIBEIRO, 2008).

Gil (1999, *apud* BRITO JÚNIOR e FERES JÚNIOR, 2011) classificou as entrevistas em quatro categorias:

a) Informal: é o menos estruturado possível e só se distingue da conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. É recomendado nos estudos exploratórios, que visam a abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado.

b) Focalizada: é tão livre como a anterior, mas enfoca um tema bem específico, quando, ao entrevistado, é permitido falar livremente sobre o assunto, mas com o esforço do entrevistador para retomar o mesmo foco quando ele começa a desviar-se. É bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas.

c) Por pautas: é a que apresenta uma certa estruturação, já que se baliza por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando em seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente, à medida que reporta às pautas assinaladas.

d) Estruturada: é a que se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que geralmente, são em grande número. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se mais adequada para levantamentos sociais.

No nosso caso, por ser um resgate histórico, em um primeiro momento, optamos pela categoria informal, buscando obter o maior número de dados espontâneos possíveis. Em um segundo momento, para evitar desvios muito amplos do assunto em si, estabelecem-se limites com a entrevista focalizada.

Entre as pessoas entrevistadas, estão amigos de Chinesinho, como Luiz Henrique Fruet (2017) e Paulo Edison Pinho (2017), outros pesquisadores,

como Willy Cesar Ferreira (2017), e os jornalistas Luiz Zini Pires (2018), Sérgio Xavier Filho (2018), Lauro Quadros (2018) e Sérgio Satt (2018).

1. 2 PESQUISA DOCUMENTAL

Como garantia de que as memórias orais e escritas estejam de acordo com a veracidade dos fatos, coube a pesquisa documental. Sua definição é semelhante à da bibliográfica, mas é preciso separá-las.

Enquanto a pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Outra definição clássica é a de Kelly:

Trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência – presença ou intervenção do pesquisador – do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida (KELLY, 1984 *apud* GAUTHIER, 2016).

Apesar do potencial que a pesquisa documental emprega à investigação científica, a parte inicial deve ser estaiada em um levantamento de dados. Esse levantamento, usualmente, começa com a pesquisa bibliográfica. Depois, interpreta-se, estuda-se e adequa-se essas informações. Posteriormente, o pesquisador precisa coletar novos fatos ou dados que não estão disponíveis na pesquisa bibliográfica e na observação.

No nosso caso específico, entende-se por documentação tudo aquilo que disser respeito à carreira do jogador e sua vida pessoal. Encaixam-se nesses pontos certidões de nascimento, casamento e óbito, registro de serviço militar, data de viagens em passaportes, inscrições em campeonatos, contratos com clubes etc.

A respeito da pesquisa em jornais e publicações oficiais, esclarecemos. Consultamos a coleção da Biblioteca de Rio Grande (RS), cujo acervo é um dos mais completos do Rio Grande do Sul, nos anos de carreira de Chinesinho (1955-1972). Visitamos a Biblioteca de Pelotas-RS para obter a coleção do Diário Popular do mesmo período. Para publicações de fora do Rio Grande do Sul, buscamos a palavra-chave “Chinesinho” na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no acervo do Estado de S. Paulo. Para a coleta de informações sobre sua vida na Itália, contatamos jornalistas e publicações online do país europeu. Clubes como Inter e Palmeiras não tinham revistas ou jornais oficiais na época.

2 JORNALISMO IMPRESSO NO BRASIL

O surgimento da imprensa no Brasil ainda dá margens ao debate. Certo mesmo é que o pioneiro entre os jornais de fato impressos no país chama-se Gazeta do Rio de Janeiro, cujo lançamento data de setembro de 1808. Trata-se de um órgão oficial que teve na direção o Frei Tibúrcio José da Rocha. Antes da Gazeta, há registros, em junho daquele mesmo ano, da circulação do Correio Brasiliense. Porém, sua impressão era feita em Londres, onde estava exilado seu fundador, Hipólito José da Costa.

Nilson Lage (2001), um estudioso sobre a imprensa nacional, divide a história do jornalismo brasileiro em quatro fases. A primeira se estabelece no Primeiro Reinado, período após a abdicação do trono por D. Pedro I, em 1831. Essa etapa é de panfletarismo, com críticas entre os jornalistas. Surge, nessa época, o Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, periódico de longa duração e importância histórica.

A segunda fase está no Segundo Império, com predominância literária e mundana, com a consolidação e aparecimento de jornais mais sólidos e perenes, como Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro, 1874), O Estado de São Paulo (São Paulo, 1875) e O Jornal do Brasil (Rio de Janeiro, 1881).

A terceira etapa vai da República Velha (1899-1920) ao Estado Novo (1937- 1945), o período fértil da industrialização brasileira. Por consequência, os jornais também se tornam empresas de comunicação e abrem suas portas para anúncios e negócios. Expande-se o jornalismo local, e, no Rio Grande do Sul (como veremos mais adiante), surge o Diário Popular, de Pelotas, a Gazeta, de Alegrete, e o Correio do Povo, de Porto Alegre, todos do Século 19 e ainda em circulação.

O último período tem início após 1945. Começou com a transformação marcada pela crescente influência norte-americana sobre a sociedade em geral e sobre a imprensa em particular. Com maior ou menor disfarce, capitais do exterior passaram a participar da vida dos jornais. O suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, marca uma comoção nacional, já que todos os detalhes da crise foram seguidos e pressionados pelos jornais.

Foi por situações assim que o jornalismo político se tornou o tema central da imprensa brasileira, que acompanhava, também em transformação, à mutação do Brasil de agrário para urbano e industrializado, principalmente no governo de Juscelino Kubitschek. O período 1945-1964 foi um tempo de transição do Brasil e de sua imprensa. Há também outro concorrente: a TV surge na metade dessa fase, quando o rádio já contava com enorme audiência.

Mas nada tira a soberania dos jornais. A ANJ apresenta um levantamento da agência de publicidade J. Walter Thompson, de 1952, que aponta: o Brasil tinha 55,77 milhões de habitantes, PIB de 12,5 bilhões de dólares, PIB per capita de 224 dólares e 230 jornais, com circulação total de 5,75 milhões de exemplares. Para efeito de comparação, a Argentina, no auge de seu poder econômico, tinha 18,48 milhões de habitantes, PIB de 8,5 bilhões de dólares, PIB per capita de 460 dólares e 130 jornais, com uma circulação de 1,8 milhão de exemplares.

No período em questão, o mundo vivia o fim da II Guerra. Foi uma época de reconversão para fins civis da produção industrial de bens de capital e de consumo e uma retomada do comércio internacional. No caso da imprensa, modernização tecnológica, com investimento dos jornais brasileiros em novos equipamentos. As redações adotaram técnicas inspiradas no modelo americano – busca da objetividade, lide, pirâmide invertida, diagramação atrativa e a organização por editorias. Havia no país um processo de profissionalização. Três personagens se destacam: Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, Samuel Wainer, do Última Hora, e Carlos Lacerda, da Tribuna da Imprensa.

A década de 1960 foi o período da emergência de uma indústria cultural e da informação no país, segundo Ortiz (2001). Nela, estão incluídos os meios de comunicação de massa. “O processo de modernização, urbanização e industrialização do país teve início nos anos 1940, considerada a fase inicial da sociedade moderna” (ORTIZ, 2001, p. 50).

O contexto do início da década de 1960 faz parte de um processo de transformação da imprensa brasileira, que se efetivou a partir dos anos 1950. As mudanças ocorreram desde o tratamento em torno da informação, até a crescente autonomia do campo, com o processo de profissionalização, com o objetivo de conquistar um público leitor mais amplo e diversificado. Foi um

momento de descolamento junto ao campo político, o que o tornou menos opinativo e mais informativo (CORRÊA, 2018).

Com as restrições cada vez mais pesadas no noticiário político, os jornais reforçaram suas editoriais de economia. Essa característica acabou se mostrando fundamental para a imprensa e para a população nas décadas de 1980 e 1990, quando o Brasil atravessou grave crise econômica.

A imprensa passou por novas mudanças. Os jornais vespertinos desapareceram ou se tornaram matutinos, o número de títulos nas maiores cidades diminuiu. Os líderes, por outro lado, tiveram crescimento na circulação, e se modernizaram tecnologicamente com a introdução da fotocomposição e da impressão offset na década de 1970 e com a informatização.

Sob os governos militares o Brasil viu surgir uma “imprensa alternativa”, composta por veículos independentes em relação às empresas jornalísticas e ao mercado publicitário, cujo conteúdo se caracterizava pelo tom crítico em relação à situação econômica e política do País, mas também relativamente aos costumes.

O olhar da imprensa sobre os acontecimentos da realidade pode interferir nas decisões políticas e inflar a atmosfera de um país, na medida em que superdimensiona posicionamentos de lideranças políticas. Sua leitura sobre a realidade política do período também pode inculcar uma ideia, um modo de pensar, e interferir no olhar sobre a história e principalmente na escrita desta. Mesmo não se aliando a ideia de manipulação da imprensa, já que reduz sua atuação e desmerece seus leitores como incapazes de serem críticos e conscientes do que leem – estes em sua maioria possuem um posicionamento definidamente pré-concebido quando leem jornais – é possível considerar que a grande imprensa do país teve um papel importante ao conceber uma leitura sobre a realidade capaz de influir sobre percepção da história do país (CORRÊA, 2018, p. 172).

O endurecimento da ditadura militar, com a edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 1968, reintroduziu a censura direta e indireta em níveis só comparáveis ao período mais duro do Estado Novo. Em agosto de 1974, porém, finalmente o presidente da República, general Ernesto Geisel anunciava uma “lenta, gradativa e segura distensão”. A partir dessa data

ocorreu efetivamente uma abertura política, ainda que seguissem existindo atentados aos direitos humanos e à liberdade de imprensa.

O início da redemocratização, ainda que a posse de José Sarney, em 1985, marque o primeiro governo civil após o regime militar, só é levado em consideração a partir da primeira eleição direta para presidente da República, em 1989. Principalmente porque nesse período foi promulgada a Constituição de 1988, carta que consolidou a liberdade de imprensa, ainda que tenha deixado indefinida uma série de questões adjacentes.

A fase mais recente da história dos jornais brasileiros viu a concorrência se intensificar com o surgimento de novas mídias, como a TV por assinatura e a internet. Os jornais buscaram uma adaptação com eficiência técnica e gerencial, e criaram versões digitais. Segundo estudos da ANJ, jornais mantêm-se em crescimento.

2.1 JORNALISMO ESPORTIVO IMPRESSO NO BRASIL

Assim que os jornais deixam o caráter estritamente panfletário, percebem a necessidade de atender às demandas do público. Uma delas é a cobertura de eventos além da política. Surgem manifestações populares, festas locais, religiosas, Carnaval e, principalmente, esportes. Esses aspectos atraem novas publicidades, que garantiriam a sobrevivência dos periódicos.

Na imprensa internacional, a cobertura esportiva começou como uma variação de notícias curiosas, que despertavam a atenção das pessoas. Poderiam variar de corridas a lutas entre conhecidos que tiveram público assistente. Porém, de acordo com Alcoba (2005), o que poderia ser apenas uma frivolidade acabou recebendo enorme aceitação e se mostraram o embrião da editoria de esportes.

Paris viu nascer, em 1828, o primeiro jornal especificamente esportivo que se tem notícia, o *Journals des Haras*. A Inglaterra vem logo depois, em 1852, com o *Sportman*. A onda atinge a Espanha, com a criação de *El Cazador*, em 1856.

A moda europeia chega aos Estados Unidos. Em 1895, o *The New York Journal* cria um espaço específico para notícias de esporte. Com ele acompanha um acréscimo nas vendas. Percebendo isso, concorrentes também

passam a reservar suas colunas para esse segmento. O marco da área é a capa do *The New York Times* de 1926, com fotografia do boxeador Gene Tunney sendo homenageado por torcedores.

No Brasil, a publicação que dá início ao esporte na imprensa é, na realidade, um serviço. Em 1856, *O Atleta*, no Rio de Janeiro, dá dicas para moradores cuidarem dos aspectos físicos (Bahia, 1990). Trinta anos mais tarde, o *Sport*, em São Paulo, apresenta material científico sobre corpo e mente. Neste período, circula também o *Sportman*, com teor semelhante.

A Itália influencia o jornalismo esportivo brasileiro. Em sua obra sobre o tema, o conceituado jornalista esportivo Paulo Vinicius Coelho (2004) considera 1910 como o marco inicial do esporte no Brasil, no jornal *Fanfulla* que apresenta crônicas do futebol amador italiano. É dele que vem a ideia da fundação do Palestra Itália, em São Paulo, depois denominado Palmeiras (o principal time da carreira de Chinesinho). O acervo do jornal *Fanfulla* mostrou-se fundamental para registrar os resultados dos primeiros jogos de clubes importantes, como o próprio Palmeiras-SP, o Corinthians-SP e o Santos-SP, além da aceitação do futebol no Flamengo-RJ e novos esportes, como basquete e vôlei.

Mas, afora o *Fanfulla*, havia pouco espaço para o jornalismo esportivo. A maior parte dos periódicos daquela época dedicava poucas colunas para registrar os eventos. Nem remo nem turfe – então mais populares – ganhavam destaque.

Só mais de uma década mais tarde os jornais reconhecem a importância do futebol. Apenas em 1922 o esporte ganha as capas das maiores publicações. O Rio de Janeiro é o abre-alas para a novidade, graças a um fato popular. Único a aceitar negros na época, o Vasco vence a divisão inferior do Campeonato Carioca daquele ano e sua festa populariza a modalidade. Isso dá aval para a consolidação do sonho de Mário Filho, que começaria a trabalhar no jornal *A Manhã*. Em 1931, ele funda o *Jornal dos Sports*.

A exclusividade acelera alguns processos no país. Um deles é a chegada do profissionalismo ao futebol. O tema acalora debates e faz crescer as vendas do periódico, que suplanta, inclusive, o espaço dado pela *Gazeta* ao esporte, cuja repercussão balizava as segundas-feiras desde 1928. No Rio Grande do Sul, o esporte recebe destaque exclusivo em 1949, com o

lançamento de *A Folha Esportiva*, um suplemento matutino do *Correio do Povo* que circulou por 14 anos em Porto Alegre.

A década de 1960 é fértil para o campo do jornalismo esportivo. São lançados os diários *O Jornal* (SP), o *Caderno de Esportes* (SP) e a *Revista do Esporte* (RJ). Essas publicações têm algo em comum: priorizam o futebol e têm textos romanceados. Os jogadores são descritos como heróis com superpoderes, e os textos são recheados de floreios e imaginação. O cronismo esportivo vai na contramão de todo este processo pois era alimentado por outros interesses: o das relações subjetivas e emotivas que o esporte poderia oferecer. Se, por um lado, o estilo não se preocupa com a precisão, por outro, aflora a paixão dos torcedores (COUTO, 2017, p. 515).

Com o advento da televisão, é preciso mudar o estilo. Neste contexto nasce a *Revista Placar*, a mais importante publicação esportiva do Brasil. Nos anos 1990, teve mais de 30 profissionais. O último periódico esportivo a ser fundado no país é o diário *Lance!*, em 1997, que mantém edições em São Paulo e no Rio de Janeiro. Atualmente, sua tiragem é de 44 mil exemplares.

2.2 IMPRENSA NO RIO GRANDE DO SUL

Os primeiros relatos de imprensa no Brasil datam de 1808. Mas só duas décadas mais tarde surgiram no Rio Grande do Sul. Em 1827, o *Diário de Porto Alegre* começa a circular. O presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Salvador José Maciel, era um dos patrocinadores do periódico. Na visão de Rüdiger (1993), os jornais tiveram grande influência nessa época. Essa etapa do jornalismo gaúcho tinha cunho ideológico, voltado quase exclusivamente para a questão política.

Lançado pelo governo como boletim oficial, o *Diário de Porto Alegre* foi responsável, basicamente, pela publicação de publicidade institucional e de atos do governador. Sua duração curta (um ano) deu origem ao *Constitucional Rio-Grandense*, o segundo jornal gaúcho (ERICKSEN, 1977). A história se repete no resto da década de 1830, quando 32 novos jornais apareceram,

todos submetidos às circunstâncias políticas, o que impediu que constituíssem o fundamento de um jornalismo (RÜDIGER, 1998).

No caso do objeto deste estudo, em Rio Grande, *O Noticiador*, jornal que apoiava a Revolução Farroupilha, apresentava editorial contra D. Pedro I e o resto do Brasil. A direção do periódico de Carlos Koseritz, um importante jornalista da imprensa gaúcha, que, em 1858, comprou uma tipografia e lançou o primeiro jornal diário de Pelotas, o *Brado do Sul*.

Mesmo com o fim de *O Noticiador* em 1865, Koseritz permaneceu atuando na imprensa. Assumiu outro importante jornal de Rio Grande, o *Eco do Sul*, acumulando com suas funções na redação de *O Povo* (em Piratini, considerado o mais forte jornal da Revolução Farroupilha). Dirigiu ainda o “*Deutsche Zeitung*”, jornal para os imigrantes alemães, e fundou a *Gazeta de Porto Alegre*, além de prestar serviços para o *Rio-Grandense*, *A Sentinela do Sul*, o *Jornal do Commercio* e *A Reforma*.

De todos eles, *O Povo* era o mais forte. Considerado “voz oficial dos rebeldes”, apresentava na abertura a inscrição: “Jornal político, literário e ministerial da República Rio-Grandense”. Não completou dois anos de atividades, mas marcou época.

Outro jornalista de destaque da época foi Cândido Augusto de Mello. Em 1851, lançou a publicação *O Pelotense*. Na Região Sul, foi editor ainda em Jaguarão. Izidoro P. de Oliveira também merece menção por ter fundado e dirigido vários jornais em Pelotas e inaugurando a imprensa em Bagé com *A Aurora* e *O Bageense*.

Extremamente politizados e panfletários, os jornais são fundamentais para levantar discussões e argumentos sobre os mais variados temas. Entre eles está a questão servil. *A Voz do Escravo*, de Pelotas, abraça o movimento abolicionista, seguido pela *Gazeta de Alegrete*, de Alegrete, e a *Gazeta Pedritense*, de Dom Pedrito, que chegam a levantar recursos para alforrias. *A Reforma*, do Partido Liberal, é uma pioneira do jornalismo político partidário no Estado, tendo sido publicada em Rio Grande e Pelotas. As duas cidades veem ainda, neste período, crescerem as seguintes publicações: *Diário de Pelotas* (1867-1889); *Diário de Rio Grande* (1848 – 1911) e o *Echos do Sul* (1856 – 1937), de Rio Grande, além do *Diário Popular*, fundado em 1890 e ainda hoje em circulação.

Ainda que a época seja gloriosa na fundação dos jornais – Ericksen conta 56 publicações no Estado, sendo 18 diárias –, o ambiente é hostil. Há censura nas redações, há incitações à violência e há ameaças. Pelo menos 20 veículos encerram suas atividades. Na Revolução Farroupilha, o problema atinge tal magnitude que os jornais migram para fora do país. O *Diário de Jaguarão* foi para Artigas, no Uruguai, enquanto a *Gazeta de Itaqui* migrou para Alvear, na Argentina. Para quem não tem fronteira próxima, como o *Correio de Santa Maria* e o *Diário Popular*, o jeito foi sobreviver aos ataques.

Nesta época surge uma entressafra de estilos, denominada por Rudiger (1998) como jornalismo literário-independente. Alternativa ao político-partidário, criou a transição ao regime informativo com indústria cultural. A novidade é o adeus ao texto panfletário e as boas-vindas à difusão de notícias e debate da atualidade. Muda o sentido também da publicação, com valorização da verdade e a busca por uma imparcialidade editorial. O pioneiro neste ponto, fora da Capital, é *O Noticiador*, de 1833. Seguem-se a ele o *Correio Mercantil*, de Pelotas, e o *Jornal do Commercio*, da Capital. É uma época de avanços tecnológicos, como parques gráficos, o que agilizou a paginação e aumentou a circulação.

Valorizou-se o trabalho dos jornalistas a ponto de serem fundados grupos de trabalhadores. Os dois primeiros no Interior são da Zona Sul: a Associação dos Jornalistas de Pelotas, em 1889, e o Grêmio dos Jornalistas de Rio Grande, em 1899.

O século XX é um período de importantes mudanças na imprensa do Rio Grande do Sul. A principal delas é o lançamento, pela empresa jornalística Caldas Júnior, do *Correio do Povo*, em 1895. Seu diferencial: enquanto *A Federação* era positivista, *A Reforma* era liberal e *O Mercantil* se dizia “católico”, o novo jornal anunciava ser livre e independente, sem associação com partidos políticos, nem assumia uma posição belicosa com os concorrentes.

A novidade agrada ao público. Em 1910, o *Correio do Povo* registra tiragem de 10 mil exemplares por dia, um salto na comparação com os 2 mil de sua origem. A curva de crescimento cresce: em 1920, são 20 mil exemplares por dia. Na década de 1960, eram cerca 50 mil diários, além dos 80 mil

exemplares da *Folha da Tarde*, vespertino de sucesso lançado da mesma empresa (GALVANI, 1994).

O sucesso do *Correio do Povo* e a crise econômica e política do Brasil quebram as empresas e fecham partidos. Esse combo liquida com o que restara do primeiro período do jornalismo gaúcho. No Interior, sobrevivem publicações como o *Diário Popular*, *O Tempo*, de Rio Grande, e o *Ponche Verde*, de Dom Pedrito. Todos chegaram a ser suspensos e ameaçados pela polícia. Os jornais da Capital passam a dominar o cenário, sendo donos de 60% das tiragens no Rio Grande do Sul.

Em 25 anos, desde o Estado Novo, em 1937, a participação dos jornais da Capital na tiragem total do Estado passou de 25% para 60%. O número de jornalistas cresce fora de Porto Alegre, passa de 47 para 91, entre 1930 e 1940, segundo Rüdiger (1998). As publicações vespertinas nascem como uma tentativa de driblar a concorrência o domínio porto-alegrense. Na Região Sul, quem busca isso é a *Gazeta da Tarde*, de Rio Grande, e o *Jornal da Tarde*, de Pelotas. O *Diário Popular* se mantém e cresce quando compra *A Opinião Pública*, em 1944, da família Gomes da Silva.

Rüdiger (1998) afirma que só a fundação da Associação dos Jornais do Interior, em 1962, reestabelece um cenário positivo, que possibilita investir em maquinário e cria-se companhias mais sólidas. É quando surge o Grupo Editorial Sinos, de Novo Hamburgo, a Empresa Jornalística Planalto Médio, de Ijuí, a Cia. *Diário da Manhã*, de Passo Fundo, e outras

No mesmo período ocorre também o crescimento definitivo da Rede Brasil Sul (RBS), que inicia seu monopólio no mercado gaúcho. Enquanto se estabelece como maior empresa do ramo, criando a fase da indústria cultural no jornalismo gaúcho, a chegada desta empresa acabou prejudicando o Interior. Com espírito vanguardista, a RBS forma uma rede de emissoras interioranas. Depois, adquire os jornais *Pioneiro*, de Caxias do Sul, e *Diário de Santa Maria*.

A sequência natural foi se adaptar à chegada dos novos avanços, como a Internet. A imprensa gaúcha se informatiza.

2.3 IMPRENSA EM RIO GRANDE

Já se vão 185 anos de imprensa em Rio Grande. Segundo o historiador Luiz Henrique Torres, o primeiro jornal da localidade, então denominado Vila do Rio Grande de São Pedro, foi *O Noticiador*, de 10 de janeiro de 1832. Surge como foi uma referência no jornalismo da região, sendo a primeira publicação no interior da Província. Era político-partidário, tinha formato 22x32cm, defendia o liberalismo e criticava o escravismo. Por esses ideais, seu proprietário e editor, Francisco Xavier Ferreira, foi preso e morreu em uma prisão no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo nasce o jornal *O Propagador da Indústria Rio-Grandense*, que combatia o federalismo.

Um exemplo perfeito do que já vimos. No Estado, farroupilhas e legalistas fundaram jornais com intuito de disseminar suas ideias e se atacarem mutuamente e que isso foi o embrião da imprensa no Rio Grande do Sul. Em Rio Grande, cidade mais antiga do Estado, o cenário é rigorosamente igual.

No período seguinte, da segunda metade da década de 1840 e o final dos anos 1860, Rio Grande vivia um de seus ciclos de avanço econômico graças ao Porto, à época escoadouro dos produtos advindos da pecuária, como charque, couro e graxa. O desenvolvimento monetário carrega junto a necessidade de um avanço cultural. A elite rio-grandina passa a consumir livros, jornais, revistas e frequenta teatros e escolas, tornando-se um campo fértil às práticas jornalísticas.

A grandiloquência e a importância da cidade levam a imprensa rio-grandina a ser uma das mais destacadas do Rio Grande do Sul e até mesmo do país, pela facilidade de circulação e acesso proporcionada pelo Porto ao que havia de mais atual no Brasil. Para se ter uma ideia, a cidade chega a ter, por um bom tempo, quatro periódicos diários concomitantes: *O Rio-Grandense* (1845-1858), o *Diário do Rio Grande* (1848- 1910), o *Commercial* (1857-1882), o *Echo do Sul* (1858-1937) e o *Artista* (1862-1912). O jornalismo local vive um processo de diversificação, com diferentes estilos jornalísticos. Mantinha-se a opinião, mas havia também notícias e literatura. É um período mais leve, mais ameno. Na literatura, destaque para as seguintes publicações: *Inubia* (1868), *A Grinalda* (1870-1), a *Violeta* (1878-9), o *Arauto das Letras* (1884), o *Litterato* (1889), *A Lanterna* (1893-4), o *Correio Literário* (1900) e *O Recreio* (1901), todos com curta duração. A publicação mais organizada e perene é a *Arcádia*

(1867- 70). O jornalismo literário feminino se expressou com a publicação do *Corymbo*, que teve uma longa existência entre 1883 e 1944.

Outro traço marcante da imprensa rio-grandina é a caricatura. Carregados de sarcasmo e ironia, os jornais foram férteis no final do século. Entre 1874 e 1893, foram criados *O Amolador* (1874), *O Diabrete* (1875), o *Marui* (1880) e o *Bisturi* (1888) nas mais importantes publicações deste gênero. Tadeo Alves do Amorim, nascido em Rio Grande em 18 de agosto de 1856, criou a obra mais duradoura no gênero no Rio Grande do Sul: o *Bisturi*.

A nova fase é a de jornais mais longevos. *Echo do Sul*, *Diário do Rio Grande*, *Artista* e *O Comercial* tinham interesses editoriais e financeiros ligados ao cerceamento à liberdade de imprensa, mas mantinham um discurso político-partidário e assumiam papel de centro de polêmicas e discussões.

No século XX, Rio Grande registra um aumento da produção jornalística. As tiragens sobem, a rede ferroviária agilizou a circulação dos jornais entre os municípios e o jornalismo noticioso ocupa o espaço do jornalismo político-partidário.

É aí que aparecem jornais como *O Tempo e Rio Grande*, ambos com mais de meio século de existência. Posteriormente, o jornal *Agora* também surge com força na cidade. Eles serão os alvos da pesquisa, por circularem durante o período em que Chinesinho atuava profissionalmente.

O jornal *Rio Grande* começou como um braço do Partido Republicano. No começo, teve como diretor de redação Elpidio Martins. Além do enfoque nas questões políticas, tinha notícias sociais e locais, avisos marítimos, publicação de folhetins e publicidade. Aos poucos, adaptou-se às novas realidades da época, abandonando em parte o tom político-partidário escancarado. Durou até 1994.

O jornal *Agora*, da família Toralles Leite, foi uma consequência da publicação *O Peixeiro*, cuja primeira edição foi lançada em 23 de dezembro de 1962, distribuído no cinema. Em 20 de setembro de 1975, o jornal *Agora* é fundado, e *O Peixeiro* se transforma em sua página cultural. Desde sempre manteve caráter alegadamente neutro e nunca fechou suas portas.

2.4 IMPRENSA EM PELOTAS

Pelotas foi a sexta localidade do Rio Grande do Sul a ter imprensa própria. Mesmo assim, não levou muito tempo até que se equiparasse a Rio Grande e Porto Alegre em importância. Pelotas, ao longo do século XIX, viu a pequena imprensa atingir desenvolvimento a ponto de ditar os hábitos culturais e direcionar as opiniões sobre política e economia.

Neste período, havia numerosos jornais pelotenses, inclusive com grande repercussão. Os mais destacados: *O Pelotense* (1851-1855); *O Brado do Sul* (1855-1861); *Jornal do Comércio* (1870-1882); *Cabrion* (1879-1889); *A Ventarola* (1887- 1890); *O Noticiador* (1854-1868); *Jornal de Pelotas* (1861), *A Pátria* (1886- 1891); *Diário de Pelotas* (1868-1889); *Diário Popular* (1890 até hoje). O início da imprensa pelotense foi o lançamento, em 7 de novembro de 1851, do primeiro jornal da cidade: *O Pelotense*, cuja circulação se estendeu até 21 de março de 1855. A imprensa pelotense ganhou espaço e se inseriu na rotina dos moradores.

2.4.1 O Diário Popular

O *Diário Popular*, fundado em Pelotas, em 1890, por Theodózio de Menezes, é o mais antigo jornal diário ainda em circulação no Rio Grande do Sul. Comprado pelo Partido Republicano antes do final do século, tornou-se a folha responsável pela divulgação dos ideais do grupo na Região Sul. Durante a Revolução, em 1923, quase foi destruído pelas tropas federalistas. Com a mudança do Estado Novo, adotou uma linha mais neutra, ampliando o limite de sua cobertura para outras cidades do entorno. Ao mesmo tempo, fomentou a indústria gráfica de Pelotas, facilitado pelo Porto de Rio Grande.

Em 1938, o jornal passa para os domínios da Gráfica Diário Popular Ltda., da família Fetter, a qual pertence até hoje, por seus herdeiros – atualmente Virgínia Fetter e Luiz Carlos Fetter. A publicação evoluiu tecnologicamente e segue a diagramação dos grandes jornais do país. Mas mantém um caráter local, dando ênfase principal às notícias da cidade.

Apresenta no estatuto alguns propósitos de “enriquecimento cultural da sociedade e despertar o espírito comunitário através de promoções assistenciais destinadas ao público carente”. Conta com editorias de Opinião, Cidades, Economia, Sociedade, Nacional, Exterior, Polícia, Esportes, Política e

Rural. Circula com até 32 páginas, nos 23 municípios da Zona Sul e imprime em média, 18 mil exemplares diários, chegando aos 20 mil durante os finais de semana.

3 CHINESINHO

Chinesinho é o apelido de Sidney Colônia Cunha. Nascido em Rio Grande, cidade do sul do Rio Grande do Sul, herdou este apelido do pai, o também jogador Chinês, um dos campeões gaúchos de 1939 com o Rio-Grandense. Como acompanhava o genitor nas partidas, acabou sendo chamado pelo diminutivo.

Há controvérsias em sua data de nascimento, alimentadas pelo próprio jogador. Em sua carteira de identidade, o dia era 28 de junho de 1935. Sua certidão de treinador, porém, marcava 13 de janeiro. Mas ele, Chinesinho, alegava ter nascido em 1º de janeiro. Por esta data, inclusive, obrigou a editora Panini a trocar um lote de seus álbuns de figurinhas do Campeonato Italiano (STORIE DI CALCIO, 2016).

Desde cedo, o jovem Sidney se encantou pelo futebol. Primeiro nas brincadeiras de rua, nas proximidades ao antigo Estádio Torquato Pontes, depois nos treinos das categorias inferiores do Rio-Grandense, sempre teve aptidão para jogar bola.

Neste período da vida, primórdios da adolescência, conheceu Marilene Dionello. Moradora da região. “Eu tinha uns 11, 12 anos e brincávamos na rua, próximo ao colégio Salesiano. Gostava de jogar bola com eles”, contou, em entrevista ao jornal Diário Popular (2010, p. 3). Depois da amizade, viraram namorados. Era o começo da carreira profissional de Chinesinho, jogando no Rio-Grandense.

A primeira menção ao atleta é de 1952, quando faria seus jogos de estreia pela equipe principal (JORNAL RIO GRANDE, 6/3/1952).

3.1 NO RIO-GRANDENSE

Chinesinho entra em campo pela primeira vez com a camisa do time principal do Rio-Grandense em 5 de março de 1952, com recém-completados 17 anos, segundo sua contagem. Em um torneio citadino envolvendo sua equipe e os rivais São Paulo e Rio Grande, Sidney Colônia Cunha entra no segundo tempo do clássico contra o São Paulo, que termina em vitória do adversário por 3 a 2. Apesar de sua curta exibição, ganhou algumas linhas do

jornal Rio Grande: “A entrada de Chinesinho, na meia esquerda dos vermelhos, foi uma boa providência, porque o jovem atacante armou perfeitamente o conjunto.” (JORNAL RIO GRANDE, 6/3/1952, p. 2).

Na rodada seguinte, é registrado seu primeiro gol. Em 23 de março, novamente contra o São Paulo, Chinesinho faz o segundo dos 2 a 1 de seu Rio-Grandense. O lance é detalhado pelo Jornal Rio Grande: “Aos 15 minutos da segunda etapa, Chinesinho recebe uma cruzada de Ceroni, entre os zagueiros, e coloca a bola com classe no canto direito das redes de Italiano” (JORNAL RIO GRANDE, 24/3/1952, p. 2).

Suas exibições são cada vez mais sólidas. Ele garante lugar entre os titulares, primeiro na ponta esquerda, mas alternando com a meia-esquerda. O jovem jogador deixa de ser surpresa. Sua escalação ganha ares de normalidade.

O ano de 1953 começa tendo Chinesinho como um dos maiores destaques do Rio-Grandense, ao lado do atacante Polaco. Em 14 de junho, antes do Campeonato Citadino oficial, aquele que definiria qual seria o representante do município nas competições regionais, os clubes organizam um Torneio Início, com partidas mais curtas, para mobilizar as torcidas. Todos os jogos são no Estádio Waldemar Fetter, de propriedade do Sport Club São Paulo.

Chinesinho rouba a cena. Seu time vence o São Paulo por 3 a 2, perde para o Rio Grande por 1 a 0. A vitória do São Paulo sobre o Rio Grande obriga a realização de uma partida-extra, de desempate, que termina em 1 a 1. O resultado pouco importa frente à qualidade do gol colorado, descrito pelo *Jornal Rio Grande* (15/6/1953):

Faltavam sete minutos para terminar a partida quando surge o mais empolgante gol da tarde. Chinesinho penetra na área perseguindo Ballester, livra-se dele, vai até a linha de fundo, retorna, enfrenta (o goleiro) Beto, desloca-o com graça e mira o canto das redes. Foi um gol cavado, que só os grandes craques podem marcar.

As constantes boas atuações do jogador preocupam os adversários. Então, como é frequente acontecer em cidade pequena, uma boataria se espalha. Nele, um dirigente do Rio Grande ofereceria Cr\$ 10 mil (R\$ 1 mil, cerca, em valores corrigidos hoje) para qualquer jogador que inutilizar

Chinesinho no clássico Rio-Rio. O objetivo é provocar uma lesão que o tire de atividade. O Jornal Rio Grande de 20 de agosto de 1953 garante que tudo não passou de um chiste: “Houve a tal oferta, mas foi feita de brincadeira, já que o jovem e futuro atleta é o melhor da equipe de Valdir Fonseca (técnico)”, garante a publicação. O jogo seguinte envolve o São Paulo (a quem o dirigente do Rio Grande teria oferecido o dinheiro) e o Rio-Grandense. A vitória é colorada, 3 a 2. Chinesinho nada sofreu.

O ano de 1955 abre com a seguinte bomba: Chinesinho interessa ao Inter. Em 18 de janeiro, o Jornal Rio Grande traz essa informação como manchete. O assunto chega a ser desmentido pela direção do clube rio-grandino. Mas àquela altura, tudo estava consolidado.

Os valores da negociação nunca foram revelados. Marilene Dionello Cunha disse ter sido a maior de um clube do interior gaúcho na época, mas a afirmação carece de novas fontes. O Jornal Rio Grande só anuncia a saída de Chinesinho em uma nota que trata da contratação pelo Rio-Grandense do atacante Adão, do Rio Grande. Em 30 de março, a chegada do reforço dá ao “técnico Waldir Fonseca, mais um elemento para reforçar sua ofensiva, que sofreu, com a saída de Chinezinho (*sic*), decréscimo assustador de produção”. (Jornal Rio Grande, 30/3/1955, p.10).

3.2 NO INTER

O destaque no Colorado de Rio Grande fez brilhar os olhos do Colorado de Porto Alegre. Apesar da pompa, sua chegada é informada com descrição na Capital. O Correio do Povo de 18 de março noticia que Chinesinho esteve pela primeira vez no Inter. "O player rio-grandino, que está levemente lesionado, treinou pouco tempo, deixou boa impressão". Ele foi titular no trabalho coletivo. Em 20 de março, o Correio do Povo informa que Chinesinho estava na equipe que venceu o Força e Luz por 4 a 3 em amistoso.

Uma semana depois, em 25 de março, o Correio do Povo informa que o "excelente Chinesinho" deve ganhar entrosamento com os colegas. No dia seguinte, o jornal diz que "Chinesinho, a agradável surpresa que veio de Rio Grande, se acha servindo ao Exército, de onde dará baixa nos próximos dias" não jogará contra o Floriano.

Naquela temporada, o Campeonato Gaúcho ainda era dividido por regiões. Assim, as equipes de Porto Alegre e entorno se enfrentavam antes de encarar adversários de outras partes do Rio Grande do Sul. O torneio metropolitano envolvia, além do Inter: Grêmio, Floriano (Novo Hamburgo), Aimoré (São Leopoldo), Cruzeiro (Porto Alegre), Flamengo (Caxias do Sul), Força e Luz (Porto Alegre), Juventude (Caxias do Sul), Nacional (Porto Alegre) e Renner (Porto Alegre).

Das 18 partidas, o Inter venceu 15, perdeu duas e empatou uma. Chinesinho fez quatro gols. Os números levaram o time ao título da competição, que o classificaria para disputar a fase final do Estadual.

Naquele ano, o vencedor do campeonato metropolitano garantia lugar já na decisão, aguardando o adversário que saísse dos demais torneios regionais, neste caso, o Brasil-Pel. Foram duas vitórias coloradas: 1 a 0 em Pelotas e 3 a 2 em Porto Alegre. Chinesinho foi fundamental na conquista, marcando o gol da vitória colorada no primeiro jogo, no sul do Estado.

No ano seguinte, Chinesinho se manteve no Inter. Novamente, a primeira fase foi regional. Além de sua equipe, disputaram a chamada Divisão de Honra: Aimoré, Cruzeiro, Floriano, Juventude, Grêmio, Flamengo, Força e Luz, Renner e Nacional.

Desta vez, porém, não conseguiu repetir o sucesso. O Inter, ao final dos 18 jogos, acabou na terceira posição, dois pontos atrás do Grêmio e a um do Renner, o vice. Apesar do resultado insatisfatório na competição, para Chinesinho, 1956 foi um ano produtivo individualmente. Ele foi convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira. Mas isso será visto em outro capítulo.

Em 1957, apesar das boas exhibições, o título não veio novamente. O Inter foi vice-campeão metropolitano, em um campeonato de três turnos. Após 22 jogos, a equipe obteve 16 vitórias, dois empates e quatro derrotas.

O ano seguinte marcou o último período de Chinesinho no Inter. Ele começou ano disputando o Campeonato Gaúcho, mas, após quatro rodadas, chegou a confirmação de que havia sido negociado com o Palmeiras. Em uma dessas partidas, inclusive, colaborou decisivamente para uma das maiores goleadas da história do Inter. Ele marcou três vezes nos 10 a 0 aplicados sobre o Força e Luz, em 8 de junho. O último registro de gols oficiais pelo clube de Porto Alegre foi contra o Floriano, no 4 a 0 de 29 de junho. (Futebol 80, 2016).

Chinesinho foi eleito, com 16 votos, para o Inter de todos os tempos em seleção da Revista Placar de novembro de 1994. É descrito pela reportagem como “hábil e veloz”, disse ter ficado emocionado pela escolha. À época, pensava ainda em ser treinador em algum time italiano.

3.3 NO PALMEIRAS

Enquanto o Brasil vencia, com Pelé, sua primeira Copa do Mundo, um fenômeno diferente ocorria no país. Era a onda inicial de jogadores profissionais negociados com clubes europeus.

Um dos pioneiros foi José Altafini. Atacante do Palmeiras, Mazzola, como era conhecido por sua semelhança com o ídolo italiano Valentino Mazzola -, foi transferido para o Milan. Sua venda garantiu um fôlego aos cofres do clube paulista, que investiu no técnico Oswaldo Brandão para se reerguer, pois não conquistava títulos de expressão desde 1951 [...]. Por conta disso, o presidente de época, Mário Beni, resolveu adotar uma medida radical para pôr fim ao jejum de títulos que já durava quase sete anos – até então, o mais longo tempo de fila na história palestrina. “No último ano de sua gestão, Beni decidiu abrir de vez os cofres do clube, mas com muita cautela e planejamento” (PALMEIRAS, 2012).

Entre os pedidos de Brandão estava Chinesinho. Para tirar o pontas-esquerda do Inter, não seriam poupados esforços. Segundo o Palmeiras, “existem registros indicando que, naquele período, a transferência foi uma das mais valorizadas do futebol brasileiro”.

Além de Chinesinho, o Palmeiras contratou também nomes de peso, como Djalma Santos, Julinho Botelho, Romeiro e Zequinha. Ali, formou-se o time que mais adiante seria chamado de A Primeira Academia.

A estreia de Chinesinho com a camisa do Palmeiras data de 24 de julho de 1958. Contra o Comercial, em Ribeirão Preto, a equipe foi derrotada por 3 a 1. Mas aquele foi apenas um percalço. Com o entrosamento natural do esporte, o desempenho foi melhorando. Até o fim desta temporada, o time disputou 38 partidas e obteve 24 vitórias, sete empates e sete derrotas. Mas o título ficou com o Santos, de Pelé.

No ano seguinte, veio o ápice de Chinesinho no Palmeiras. E ela começou com uma fortuita mudança de posicionamento.

Um fato curioso aconteceu no dia 5 de julho de 1959, em um empate por 0 a 0 com a Portuguesa, pelo primeiro turno do Campeonato Paulista. O goleiro Valdir de Moraes se machucou, e os times não tinham direito a substituição. Foi então que Brandão mandou o meia Ênio Andrade para o gol e deslocou Chinesinho para o meio de campo. Naquele momento, Chinesinho jogou com muito mais facilidade e liberdade. Brandão percebeu que a ponta esquerda era um desperdício para um jogador tão talentoso e, a partir daquele dia, o craque gaúcho assumiu a função de armador do time. Para suprir a vaga na ponta, Brandão optou pelo pernambucano Géo (PALMEIRAS, 2012).

Aquele Paulistão, novamente, foi decidido por Santos e Palmeiras. Depois de terminarem rigorosamente empatados durante a primeira fase, os dois times decidiram a competição, em uma melhor de três partidas na final. O primeiro jogo terminou empatado em 1 a 1. No segundo, nova igualdade, 2 a 2 (Chinesinho fez um dos gols). No terceiro e decisivo duelo, vitória palmeirense por 2 a 1, gols de Julinho Botelho e de Romeiro.

Apesar de regional, o Super Paulistão (como ficou conhecido este campeonato) de 1959 foi o maior título de Chinesinho pelo Palmeiras, mesmo que no ano seguinte tenha erguido a Taça Brasil, a primeira conquista nacional do clube. A rivalidade com o Santos e a história de superação foram maiores do que quebrar as barreiras do Estado sob o ponto de vista esportivo da época.

Mas a Taça Brasil de 1960, hoje, é mais valorizada. Desde que a CBF decidiu incluir essas competições pré 1971 como títulos brasileiros válidos, houve um crescimento na importância deste torneio – foi com esta conta que o Palmeiras virou o maior campeão nacional, nove vezes.

Aquela edição contou com 17 campeões estaduais que fariam um mata-mata em ida e volta. Por serem dos Estados finalistas do campeonato brasileiro de seleções, São Paulo e Pernambuco entrariam direto nas semifinais. Assim, Palmeiras e Santa Cruz apenas aguardaram seus adversários.

O oponente palmeirense era o Fluminense. No jogo de ida, 0 a 0 no Pacaembu. Na volta, no Maracanã, vitória dos paulistas por 1 a 0. A decisão seria contra o Fortaleza, que havia eliminado o Santa Cruz. No primeiro jogo, no Ceará, 3 a 1 para o Palmeiras. Na grande final, uma goleada por 8 a 2 determinou o título. Chinesinho foi o destaque, fazendo dois gols.

Por ter sido campeão nacional, o Palmeiras teve direito a disputar a Libertadores da América de 1961. Com nove times, a competição começava direto nas quartas de final para a equipe brasileira. O primeiro adversário foi o Independiente, da Argentina, de quem os paulistas venceram duas vezes. Nas semifinais, o alviverde encarou o Independiente de Santa Fe. Na Colômbia, empate em 2 a 2, com direito a gol de Chinesinho aos 42 minutos do segundo tempo. No jogo de volta, goleada palmeirense por 4 a 1. A decisão foi contra o campeão do ano anterior Peñarol, que venceu a partida de ida por 1 a 0 e seguiu a igualdade em 1 a 1 no Pacaembu (Porcopedia). No Paulistão daquele ano, o Palmeiras fez a segunda melhor campanha, ficando três pontos atrás do Santos, campeão.

As frequentes boas atuações até ali chamavam a atenção da Seleção Brasileira. Convocado quase sempre, disputou 20 partidas com a amarelinha, marcando três gols e conquistando três títulos: o Pan-Americano de 1959, a Copa Roca (1960) e a Taça do Atlântico (1960). (CBF, 2011).

Chegamos, então, a 1962, o ano que mudaria para sempre a vida de Chinesinho. Nome integrante da primeira lista de convocados por Aymoré Moreira para a Copa do Mundo, o jogador ficou confinado com outros 40 jogadores em Campos do Jordão, em uma espécie de vestibular para a lista final.

Com problemas físicos – uma dor no joelho fruto de sucessivas pancadas e um dente arrancado na concentração –, foi preterido por Mengálvio. Marilene Dionello Cunha, sua mulher, declarou: “Foi a única vez que vi meu marido chorar. Ele não era muito aberto e me contou tudo. O médico do Palmeiras apostou a carreira que ele voltava a jogar antes da Copa. Não deu outra: faltando dez dias para o embarque, ele estava em campo. ” (DIÁRIO POPULAR, 2010, p. 3).

A decepção pela desconvocação o fez pensar em parar de jogar. Desiludido, procurava forças para seguir na profissão que escolhera aos 17 anos. Entra em campo, então, a figura de Geraldo Sanella.

Jornalista italiano especializado em ciclismo, Sanella era amigo do magnata do petróleo Angelo Moratti, então dono da Internazionale, de Milão. Apaixonado por futebol, o repórter especializou-se em intermediar as negociações dos clubes italianos com os craques brasileiros da época. Foi

assim com Julinho Botelho, vendido à Fiorentina, José Altafini (o Mazola), levado ao Milan, e outros. Sanella, então, indicou Chinesinho ao dirigente.

Moratti fez a proposta irrecusável ao Palmeiras. Os 130 milhões de cruzeiros (GAZETA, 2016) eram um recorde para a época (praticamente 10 mil salários mínimos da época (FONTÃO, 2017)).

Era impossível dizer não. O Palmeiras precisava do dinheiro e Chinesinho queria trocar de ares. A exorbitante verba teve duas destinações. A primeira foi repor a perda. "Com o dinheiro da venda dele (em 1962, para o italiano Modena), o Palmeiras contratou 15 jogadores e formou a primeira Academia. Vieram, entre outros, Servílio, Tupãzinho, Rinaldo, Vavá e Djalma Dias", lembrou o ex-presidente do Palmeiras, Arnaldo Tirone (ESTADÃO, 2011).

Assim, em 25 de agosto de 1962, 242 jogos, 55 gols e dois títulos depois, Chinesinho fez sua despedida do Palmeiras em um jogo contra a Juventus, que mereceu, 50 anos depois, uma lembrança no site do clube (PALMEIRAS, 2012).

3.4 NA ITÁLIA

Chinesinho, como vimos, foi vendido à Internazionale, um dos mais ricos e vencedores clubes do futebol italiano. Mas, apesar de ter investido uma verdadeira fortuna no novo reforço, a equipe de Milão não viu Chinesinho vestir sua tradicional camisa *nerazzurra*. Quarto estrangeiro (os outros eram Peirò, Jair da Costa e Luis Suárez) em uma época que o calcio só permitia três, o rio-grandino estava no come-dorme que este tipo de situação impõe. (STORIE DI CALCIO, 2016).

Marilene Dionello Cunha conta que Moratti ofereceu ao meia uma possibilidade de atuar: seria transferido gratuitamente ao Modena, uma agremiação menor, que lutaria contra o rebaixamento. Chinesinho aceitou a proposta.

Na cidade da Emilia-Romagna, distante cerca de 150 quilômetros de Milão, Chinesinho encontrou um time bem inferior, ao qual teve de liderar para, de fato, escapar da queda à Série B daquela temporada. Fez gol em seu primeiro jogo, um empate em 1 a 1 com o Genoa. Com suas atuações, o

Modena terminou em uma cômoda 11ª posição – o que seria invejado no ano seguinte, quando a equipe caiu para a segunda divisão.

Em um inesperado golpe de mercado, o Catania contrata Chinesinho. De forte ligação com a máfia, a cidade da Sicília oferece ao jogador e sua família dois anos de contrato e convivência agradável - dentro da lei do local.

Foram dois anos excelentes. Morávamos em uma casa belíssima, com vista para o mar. Ele (Chinesinho) levava os pescadores para os jogos e, em troca, eles nos davam e até cozinhavam os peixes. O único problema era que o Catania não pagava em dia. Mas também, em nenhum lugar nos cobravam nada (DIÁRIO POPULAR, 2010, p. 3).

A lembrança de Marilene é compartilhada pelos resultados em campo. Nas duas temporadas, Chinesinho atuou 59 vezes e marcou quatro gols. Em um torneio de pré-temporada, ficou famoso por balançar três vezes a rede da Roma.

Mas a hora era de largar o calor e a vida mais tranquila do futebol siciliano para tentar o grande título da carreira. Para isso, precisaria buscar um clube vencedor e rico. A Juventus abre as portas ao perder seu craque Omar Sivori, que buscava o sol e o calor do sul do país, no Napoli que prometia um grande time, contratando também o ítalo-brasileiro José Altafini (o Mazola).

Eleito como substituto de Sivori, Chinesinho viaja para Turim. Aos 30 anos, o gaúcho desembarca no norte italiano e se apresenta a Heriberto Herrera, um técnico revolucionário, que aposta no vigor como fator primordial em suas equipes. Com a idade, porém, Chinesinho não vive mais seu auge físico. Mas seu talento e sua visão permanecem inabalados. Era hora de uma nova adaptação.

O treinador era um obsessivo pela forma física e obrigou o novo camisa 10 a perder quatro quilos. Cada cem gramas acima do peso eram cem mil liras de multa. Marilene recorda-se da batalha contra a tendência a engordar:

Foi o melhor Natal que passamos, meu filho ganhou muitos presentes. No final do ano, vinha na ordem de pagamento as multas, que eram divididas entre os jogadores. Também, quando chegou aos 68 quilos que o técnico queria, nem água tomava. Ele botou na cabeça que nunca mais deixaria dinheiro na caixinha e assim foi (DIÁRIO POPULAR, 2010, p. 3).

O treinador faz uma troca em sua posição. Deixa o lado do campo e se fixa, definitivamente, como um meia centralizado. A mudança apresenta os primeiros sinais positivos já na temporada de estreia. Apesar do modesto (para os padrões Juventus) quinto lugar no campeonato nacional, o time vence a Copa Itália, batendo a então campeã Internazionale na decisão. Era uma amostragem do que viria.

Sua sequência na Juventus tem uma pitada de acaso em uma situação totalmente inusitada ocorrida na Copa de 1966. Naquele Mundial, disputado na Inglaterra, a zebra passeou em Middlesbrough. No confronto contra a inexpressiva Coreia do Norte, os italianos são surpreendidos e derrotados por 1 a 0, em um dos mais impressionantes resultados da história. O tombo é tão grande que a Federação Italiana de Futebol (FIGC, na sigla local) toma uma medida drástica: para fortalecer o crescimento de novos talentos, estão proibidas as negociações dos clubes nacionais com agremiações de fora do país. Com isso, o mercado enfraquece e Chinesinho recebe a oportunidade que precisava para seguir no time.

A estratégia da Juventus de Heriberto Herrera é superar a rival Inter, de Helenio Herrera (que não tem qualquer parentesco apesar do sobrenome idêntico), no preparo físico. Com um futebol mais refinado, o time de Milão era o atual campeão e buscava ao mesmo tempo a conquista da Liga dos Campeões.

Após um começo arrasador da Inter, aos poucos, o campeonato vai se equilibrando. Chinesinho recebe elogios por suas atuações cada vez mais consistentes e boa forma física. Destaca-se em dois jogos particularmente difíceis, a Fiorentina em Florença e o Napoli em Nápoles. Participa de 31 das 38 partidas e é decisivo na rodada final, quando o time de Turim vence a Lazio e garante a conquista do Campeonato Italiano. Chinesinho transforma-se, assim, o primeiro gaúcho a ser campeão no país.

A temporada seguinte é difícil. O Milan domina o campeonato praticamente do início ao fim, e a disputa parece mesmo ser pelo segundo lugar. Em uma recuperação brilhante, a Juventus chega em terceiro, atrás do novo-rico Napoli. Na Copa dos Campeões, avança até as semifinais, mas perde para o Benfica, que seria o vice-campeão. Apesar do sucesso, o tempo de Chinesinho em Turim esgota-se.

Pouco antes de sua saída, concede uma entrevista em que declara:

Devo muito a Heriberto, me deu novamente o apetite, a juventude. Peso menos hoje do que quando estava no Palmeiras e tinha 24 anos. O treinamento comandado por ele é o melhor e justamente por isso: eu jamais poderia ser treinador porque sou bonzinho até com meu filho Sidney, e, em vez disso, precisa ser como Heriberto, saber aquilo que se quer. A Juventus joga um futebol bonito, rapidamente jogamos a bola para onde quero, tem sempre alguém desmarcado. Quando jogava no Inter ou no Palmeiras, no fundo, era menos jovem do que hoje. No Brasil, jogava de ponteiro, ao lado de Julinho, meu objetivo era cuidar da margem do campo, não corria muito, não tinha nem fôlego para correr. O brasileiro é um jogador que não pensa, que vai ao campo e joga para se divertir. Na Itália, aprendi a treinar e pensar. Essas duas coisas importantíssimas me fizeram mais jovem. Hoje, aos 32 anos, sou mais jovem do que quando tinha 20 (IL PALLONE RACCONTA, 2017, tradução nossa).

A Juventus investe pesado e contrata Pietro Anastasi, do Varese, por 650 milhões de liras (o maior valor da história do futebol italiano). Com o reforço, sente-se segura para liberar Chinesinho, que, aos 32 anos, recebe uma proposta para mudar de ares, mas seguir na Itália. O Lanerossi, de Vicenza, quer contar com o futebol do meia e o convence a vestir suas cores, pagando à Juve 56 milhões de liras.

O primeiro ano é difícil, o clube muito menor só permite lutar contra o rebaixamento, o que é atingido na bacia das almas. O time é o primeiro acima da linha da degola. O segundo, porém, sai acima das expectativas. O desempenho mais solto do meia ajuda a consagrar o centroavante Alessandro Vitali como o goleador do campeonato. O terceiro é de superação. Aos 35 anos, é o jogador que mais entra em campo pelo Vicenza, com 30 partidas, e garante a equipe por mais um ano na Série A. Seu último ano também mantém a equipe na elite do calcio. Sua saída é comovente, como lembra o ex-companheiro Adriano Bardin:

No final daquele campeonato, com a última partida justamente em Turim contra a 'sua' Juventus, ele se despediu de nós de uma maneira comovente. Dizia que iria para o Brasil em busca de um novo projeto, iria empreender uma ideia nova. No fim, não deu certo (IL PALLONE RACCONTA, 2017 – tradução nossa).

A aventura italiana de Chinesinho termina com 254 partidas e 25 gols.

3.5 O PÓS-FUTEBOL PROFISSIONAL

Antes de abandonar definitivamente a carreira, Chinesinho é convidado para jogar no NY Cosmos, o projeto que pretende popularizar o futebol nos Estados Unidos. Participa de uma partida na campanha que leva a equipe ao título nacional (NASL, 2017). Mas aos 38 anos, sua missão é outra. Era hora de ajudar os mais jovens.

Depois de uma tentativa frustrada de voltar a São Paulo, Chinesinho procura o presidente do Lanerossi, Giussì Farina e volta a Vicenza. Começa como auxiliar técnico, mas logo é alçado ao cargo de treinador.

Como treinador na Itália, seus trabalhos não são dignos de grandes registros. Sabe-se que passou por Lanerossi Vicenza, Foggia e Forlì. Estava nesta última equipe quando foi procurado pelo ex-presidente do Palmeiras, Nelson Duque, que o havia contratado do Inter. Queria convidá-lo para treinar uma equipe na Arábia Saudita, o Al-Ittihad era seu time.

Lá, estreitou relações com o comandante do Al-Ahly, Telê Santana. Os novos amigos só tiveram um problema: a decisão da Copa da Arábia foi um contra o outro, com vitória de Chinesinho. Telê voltou para o Brasil e o gaúcho permaneceu lá por mais duas temporadas. Em 1985, a convite de Nelson Duque novamente, vai para o seu “querido Palmeiras” (DIÁRIO POPULAR, 2010, p. 3).

No clube paulista, a experiência dura 14 jogos. Com cinco vitórias, seis empates e três derrotas, é demitido. Depois desta aventura, retorna ao futebol italiano. Vai para Bassano del Grappa e vira olheiro do Lanerossi Vicenza. Lá, desenvolve uma de suas virtudes: descobrir novos talentos. É assim que acabaria lançando nomes como Paolo Rossi, Roberto Baggio e Luca Toni. Em 1993, Chinesinho e família retornam ao Brasil definitivamente. Fixam residência na Praia Grande, litoral paulista, e só saem de lá quando já senil, retornam para Rio Grande.

3.6 VIDA PESSOAL

Apesar de o apelido vir de seu pai, o zagueiro Chinês, Sidney Colônia Cunha tem pouco contato com seus genitores. O menino é criado por uma tia e pela avó, que moram no centro de Rio Grande.

Sua infância é destinada a jogar bola pelas ruas da cidade. Próximo ao colégio Salesiano (e, por consequência, do Estádio Torquato Pontes, do FBC Rio-Grandense), conhece, ainda adolescente, Marilene Dionello.

Na adolescência, passaram a namorar. Ela era já sua companheira quando sai a primeira notícia pública a respeito de Chinesinho. Mais especificamente, seu pai. O jornal Rio Grande informa que no dia 26 de março de 1953, “morre uma das lendas do Rio-Grandense e do futebol de Rio Grande: Rubens Cunha, o Chinês, que jogara na conquista do campeonato estadual de 1939”.

O sucesso de Chinesinho que o leva ao Inter dificulta a relação. Para manter contato com Marilene, usa algumas artimanhas, como contou Marilene ao jornal Diário Popular:

Naquela época, tínhamos que reservar o telefone (...) Tinha um motorista que ia para Porto Alegre e passava na frente da minha casa, o Jesus. Então às 4h eu saía e entregava a caixa (com guloseimas) para ele. E ele, muito colorado, levava para o Chinesinho lá no estádio” (DIÁRIO POPULAR, 2010, p. 2).

Pouco antes do casamento, Chinesinho é transferido para São Paulo. Mesmo assim, garante que manteria a cerimônia. Desconfiada, principalmente pela dificuldade de comunicação e por uma foto do jogador com uma artista em uma revista de circulação nacional, Marilene teve dúvidas sobre a presença do noivo na cidade.

Lembro que era um frisson na cidade. O pessoal dizia: ‘imagina se ele vai vir de São Paulo pra casar’. Para piorar, dois meses antes das núpcias, uma revista anunciou que ele estava noivo de uma artista. Bom, para resumir: só botei o vestido de noiva quando o vi entrando na igreja (DIÁRIO POPULAR, 2010, p. 2).

Após o casamento, foram embora novamente para São Paulo. Da união dos dois, que sempre estiveram juntos nas aventuras esportivas de Chinesinho, nasce Sidney Dionello Cunha, que não chega a seguir os passos do pai.

Após o retorno a Rio Grande, Chinesinho é diagnosticado com uma doença irreversível. Ele sofrera diversos micro-infartos, que diminuíram a irrigação sanguínea de seu cérebro. Foi perdendo fala, raciocínio e locomoção. Com dinheiro entrando apenas pela aposentadoria do INSS, retornam para Rio Grande, onde seu amigo Ênio Fernandez, presidente da Associação de Caridade Santa Casa, garante tratamento, financiado por Inter e Palmeiras.

Com a cidade, mantém uma relação de respeito e lembrança, como demonstrou após a conquista do Pan-Americano de 1956. No retorno a Porto Alegre com as medalhas de ouro, a delegação viaja no avião Super Constellation, da Varig. Chinesinho, então, fala ao microfone da PRH-2 Rádio Farroupilha:

(...) ofereço à minha terra, a cidade de Rio Grande, as honras que me cabem, como integrante da seleção bicampeã. Aos meus familiares, aos meus amigos, e a todos os rio-grandinos, envio daqui do Constellation minha saudação! (JORNAL RIO GRANDE, 28/3/1956, contracapa).

A cidade retribui a homenagem. O Aeroclube de Rio Grande manda um avião à capital para esperá-lo, enquanto a Câmara Municipal aprova uma medalha, e a Liga Estudantil do Colégio São Francisco, onde ele cursou o primário, prepara uma recepção com música e discursos. Três aviões do aeroclube local sobrevoam o estádio do Rio-Grandense para homenagear o ex-jogador, quando ali acontece o torneio-início do campeonato extra (RIO GRANDE, 31/3/1956, p. 7).

Em suas férias, o jornal noticia sua presença na praia do Cassino:

Para os jogadores de futebol rio-grandinos que moram em outras cidades é a época de rever familiares, reencontrar-se com os amigos e curtir a praia do Cassino. É o caso de Chinesinho, hospedado na casa de familiares no Cassino para o período de férias à beira-mar (RIO GRANDE, 20/02/1960, p. 7).

Em abril de 2011, já debilitado pela doença, Chinesinho morre em casa, no balneário Cassino, em sua Rio Grande natal.

4 COMO A MÍDIA DEFINE UM CRAQUE

A palavra craque definirá o norte da dissertação. É com base nela que decidimos estudar a vida de Chinesinho enquanto jogador de futebol. Mas trata-se de uma determinação difícil de ser conclusiva, já que varia conforme as interpretações de quem avalia o critério subjetivo.

A definição de craque pelo dicionário Aurélio aponta: “Jogador excelente que se distingue dos demais por sua habilidade e talento”. Mas o que seria essa distinção no futebol? Há atletas que correm mais do que outros, que driblam, que enxergam, que interpretam, que antecipam, que marcam, que dominam. Portanto, apesar de clara, a significação mantém um caráter subjetivo na descrição da palavra. Como essa palavra é repetida reiteradas vezes em transmissões esportivas e análises e projeções de partidas, sugerimos buscar novas definições para a palavra craque. Para tal, acionamos jornalistas que atuam no ramo esportivo em diferentes esferas, idades e cidades para que apresentassem seus pontos de vista para o verbete.

Sérgio Satt, 84 anos, foi jogador de futebol profissional na década de 1950. Apesar de ser contemporâneo de Chinesinho, não chegou a tê-lo como companheiro ou adversário nos gramados de Rio Grande. Ainda nos anos 1960, abandonou a carreira de atleta e logo iniciou a de treinador, tendo passado por Rio-Grandense e São Paulo-RG, além de equipes de futsal da cidade. Nos períodos em que não comandou equipes, tornou-se um dos mais influentes cronistas esportivos da Região Sul. Trabalhou nas rádios Minuano, Cassino e Cultura, além dos jornais Rio Grande e Última Hora.

Ele respondeu à pergunta: “Como se define um craque?”

Um craque, em primeiro lugar, tem que ter visão de jogo, colocar-se bem, sem a necessidade de correr muito, controlar bem a bola, manter a cabeça levantada e cumprir suas funções. Quando marcador, saber jogar. Quando jogar, saber marcar (SATT, 2018).

Comentarista por mais de 40 anos, Lauro Quadros marcou época no rádio nacional por seu estilo coloquial e frases de efeito. Ícone das rádios Guaíba e Gaúcha, viu Chinesinho atuar por Rio-Grandense, Inter e Palmeiras e garante recordar-se de partidas do rio-grandino nos times italianos. À mesma pergunta, respondeu:

O conceito é muito amplo. Primeiro porque o que era um craque na década de 1950 pode não se aplicar atualmente. Portanto, antes de tudo, precisamos levar em consideração a época. Sempre digo que só o que ficou foi o nome, futebol. O resto todo é mudou. O que se praticava nos anos 1950 é diferente de hoje. Mas sobre craques, tem duas categorias: o craque individual, que faz coisas incríveis mas para ele mesmo, e aí temos Neymar, Garrincha – o maior dos craques individuais – e Maradona, para exemplificar. O outro é o craque coletivo, o que entra em um time e faz todos jogarem. Messi, por exemplo, é um craque coletivo. E tinha o Pelé, que era um craque do coletivo e do individual (QUADROS, 2018).

Colunista de Zero Hora há mais de uma década, o jornalista Luiz Zini Pires é formado em jornalismo e trabalhou também em redações de Florianópolis e Londres, além de ter sido funcionário da Fifa. Ele definiu craque.

Repito Nelson Rodriguez, "craque é todo o jogador capaz de ilustrar o sonho de um torcedor". Craque é um jogador que faz tudo o que a profissão exige, mas faz melhor, muito melhor, do que o outro. Não é o gol, que todo mundo marca, o drible, da cultura do esporte, o passe ou o lançamento, armas de quase todos usam, mas a soma de todos estes atributos, multiplicados por 10, que definem o craque (ZINI PIRES, 2018).

Sérgio Xavier Filho foi editor-chefe da Revista Placar, uma das mais importantes publicações esportivas do país. Antes, foi repórter e editor dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de São Paulo. Atualmente, é comentarista dos canais SporTV. Sua definição de craque.

A pergunta é até fácil de responder numa primeira camada. É o jogador fora de série, aquele que se destaca absurdamente dos demais por fazer coisas incríveis em campo. Muito bem. A encrenca da pergunta aparece quando vamos quantificar. Messi, claro, é craque, Maradona, Cruyff e Beckenbauer foram craques. Até aqui, fácil. Mas quantos craques cabem numa época? Quão exigente somos nessa qualificação? Messi é craque, sim, mas Hazard e Modric também são? São todos sócios do mesmo clube? Na minha opinião, isso aí é como categoria de programa de fidelidade aérea. Não tem Smiles Prata, ouro ou diamante? Pois é, o craque seria a categoria diamante. Clube privê. Primeira classe,

não classe executiva. Craque é só primeira classe. É o jogador que faz o torcedor derramar baba pelo canto da boca. Aquele que obriga a gente a pagar mais para vê-lo. De Bruyne joga demais, adoro vê-lo jogar. Mas não sei se pago um preço especial pra assistir ao jogo do seu time. Neymar (ser humano questionável, para dizer o mínimo) faz coisas inacreditáveis. Tira da boca de torcedores frases como "hoje vi o Neymar". Ou seja, é craque. Pra resumir, a palavra craque não tem significado único. É pessoal e intransferível o direito de chamar de craque quantos jogadores o vivente bem entender. Eu prefiro ser mais restritivo, mas compreendo quem queira ser mais generoso na classificação. Na Seleção de 70, por exemplo, para mim, apenas Gerson, Rivellino e Tostão são craques. Os outros (Carlos Alberto, Caju, Clodô, Jair) são grandes jogadores. Pelé? Bom, esse é Deus (XAVIER FILHO, 2018).

Com a intenção de ampliar o debate, solicitou-se que os analistas explicassem como seria possível identificar um craque enquanto ele ainda está em atividade e não somente depois do fim de sua carreira.

Para Satt, Neymar, quando não joga apenas para si, é um exemplo de craque. Ele tem capacidade de driblar, girar, fazer gols, decidir. Nota-se de longe que é superior aos demais, tanto pela velocidade como conduz a bola perto do pé quanto pela habilidade que demonstra (SATT, 2018).

Lauro Quadros também faz uso de um exemplo para explicar seu ponto.

Uma vez, contra o Grêmio, Gilmar tinha sido expulso e vi Pelé jogar no gol. Até como goleiro ele era ótimo. Todos sabiam que era um craque completo. Eles têm algo de diferente, percebemos na hora. Depois que param, a fama aumenta, mas é possível reconhecer um craque ainda em ação (QUADROS, 2018).

Para responder a essa pergunta, Zini Pires afirma:

Pelo que ele faz em campo. Parece óbvio. Como trata a bola. Por jogadas espetaculares, passes, lançamentos, dribles. Pela unanimidade que envolve o seu nome. Os jogadores talentosos são visíveis nas primeiras jogadas, desde muito jovens, qualidade superior à flor da pele. O torcedor sente. Sabe. Capta os especiais (ZINI PIRES, 2018).

Na opinião de Xavier Filho, a identificação é possível

pela capacidade de fazer a diferença. Pelo respeito e admiração que ele provoca nos colegas e adversários. Neymar, por exemplo, é um escroque no comportamento, mas basta ver como é tratado pelos boleiros. Respeito, medo, admiração, ele provoca sentimentos fortes. Porque joga muito. Ele faz uma série de coisas que os outros não fazem. E com uma frequência enorme. Mas os craques precisam ser divididos por posição. Não se pode exigir que meia ataque pênaltis. Nem que o beque seja driblador nato. O craque-zagueiro é o que ganha quase todas por cima, por baixo. O conhecedor dos atalhos, o desbravador de espaços quando está com a bola. O craque meia é o que desarma, o que arma, que chega de um jeito diferente. Tem craque driblador, tem craque especialista do gol, tem craque goleiro. Todos podem ser, o fundamental é que provoquem até nos adversários aquele: 'oh, como joga esse desgraçado!' (XAVIER FILHO, 2018).

O terceiro ponto levantado nas entrevistas foi mais regionalizado. Pediu-se aos analistas que indicassem quais foram os craques nascidos no Rio Grande do Sul.

Segundo Satt: Oreco, lateral-esquerdo do Inter, João Severiano, do Grêmio, Ronaldinho, Chinesinho. Falcão (nota do autor: Falcão é nascido em Santa Catarina).

Para Lauro Quadros, houve muitos: “Luiz Carvalho, Foguinho, Lara, Airton, Juarez, Gessy, Renato, Falcão, Tesourinha. Tesourinha deve ter sido o maior deles. Há quem diga que o Maracanazo nunca teria ocorrido se ele estivesse em campo”.

Na visão de Zini Pires: “Ronaldinho foi o maior, mesmo não sendo um exemplo de atleta. Paulo Cesar Carpegiani foi outro jogador espetacular. Hoje, ano 2018, não há um só craque no futebol gaúcho campeão da América de 2017 – nem projeto”.

Ronaldinho também é citado por Xavier Filho: “Sou bem restritivo, lembre disso. Tesourinha (presumo), Ronaldinho Gaúcho, Falcão (Abelardo Luz foi anexada nos Farrapos, acho), Taffarel”.

Como o foco dessa dissertação é Chinesinho, encerrou-se as entrevistas perguntando se ele poderia ser encaixado na categoria dos craques.

Satt: “Ele tinha domínio de bola, colocação, habilidade. Ele foi um craque, sim. Apesar de ter sido autossuficiente, tinha bom posicionamento, impulsão, velocidade, penetração na área e gols”.

Lauro Quadros:

Sem dúvida foi um craque. Chinesinho é do tempo em que havia um ponteiro esquerdo e um ponteiro direito. Hoje, não há mais. Ele reunia todas as virtudes de um ponta: excelente técnica e estilo ortodoxo, de ir ao fundo, mas também procurar a área. Foi jogar no Palmeiras e formou um lado esquerdo fantástico com Ênio Andrade (QUADROS, 2019).

Zini Pires:

Os mais antigos dizem que sim. A prova está na troca de Estado em uma época em que raros deixavam a terra natal. A prova maior ainda vive no seu sucesso em São Paulo, na Seleção e na Itália. Quando o Palmeiras o vendeu aos europeus, o dinheiro do talentoso meia-esquerda serviu para reformar o estádio do clube. Seu nome vive na história de Inter e Palmeiras (ZINI PIRES, 2018).

Xavier Filho:

Eu não chamaria, pelas razões expostas. Mas se alargarmos o conceito e consideramos grandes jogadores como Carpegiane, Batista, Douglas Costa, Larry, Ailton como craques é justo que Chinesinho entre na mesma categoria. Tenho muita reserva para falar de quem vi pouco, quase nada ou nada. Pegar relatos dos outros não é ver. Evitar falar demais de quem não se teve a chance de ver é uma atitude de respeito ao passado, de honestidade intelectual. Tenho realmente um pé atrás pra falar de quem jogou abaixo dos anos 70 porque não vi (XAVIER FILHO, 2018).

A partir desses conceitos explicados pelos comentaristas esportivos, basearemos nossa pesquisa para dar sequência à análise de matérias dos jornais selecionados a respeito de Chinesinho.

5 ANÁLISE DE MATÉRIAS

Para entender como a imprensa retratou Chinesinho, procuramos edições de jornais de Rio Grande, Porto Alegre e também do centro do país. A partir dessa decisão, o próximo passo foi estabelecer os critérios de análise das páginas e do conteúdo delas.

Nesses casos, utilizando técnicas de Bardin, estabelecemos algumas medidas objetivas: tamanho de texto, posição na página e destaques. Pela teoria do enquadramento, analisamos que contexto foi dado para que a informação fosse veiculada de tal maneira.

A partir dessas análises, foi possível estabelecer um esboço apontando as razões para Chinesinho ter sido alvo de matérias. E, com essas análises, concluir se ele recebeu a atenção que sua história no esporte merecia em sua terra natal, a partir da definição de craque.

Em Rio Grande, a pesquisa foi feita na Biblioteca Municipal. Maior acervo do Rio Grande do Sul, guarda como uma de suas principais virtudes a hemeroteca, com edições disponíveis de todos os periódicos lançados no município desde os primórdios. Há coleções completas dos jornais regionais. Por ser o foco principal do trabalho, a busca pelas publicações locais foi mais intensa. Porém, para evitar o excesso de chamadas em que o nome Chinesinho foi apenas citado em escalações, por exemplo, escolhemos algumas matérias que se dedicaram exclusivamente a falar do jogador. O que acabou sendo em um número inferior ao de procura em jornais e revistas de fora da cidade.

Em Porto Alegre, a pesquisa foi feita no acervo da Biblioteca Municipal e também em acervos de jornais como *Diário de Notícias* e *Jornal do Dia*. O critério seguiu o anterior: quando seu nome apareceu apenas como uma citação, não foi considerado.

Para encontrar as vezes em que Chinesinho virou alvo de matérias fora do Rio Grande do Sul, consultamos a Hemeroteca Nacional. E nos detivemos apenas nas páginas em que o jogador teve destaque.

O critério escolhido para apresentar as matérias foi o de separá-las por publicação e não por ordem cronológica ou geográfica. Dessa forma

conseguimos deixar mais clara a diferença de tratamento dado ao atleta nos diversos veículos.

5.1 JORNAL RIO GRANDE

Com a ajuda do pesquisador Willy César, autor de *Rio Grande – do big bang a 2015*, foi possível realizar uma extensa varredura na hemeroteca da cidade, cuja coleção atinge nível superior a 90% de frequência e conservação. E a constatação: Chinesinho foi, de certa forma, ignorado pelo jornal da cidade em sua época como jogador profissional. O atleta é citado até com certa frequência, mas quase sempre como um coadjuvante de uma matéria que, na verdade, falava sobre seus times.

Na escassez de temas para serem aprofundados, este trabalho se detém em duas páginas que dedicam um trecho exclusivo ao atleta.

5.1.1 Janeiro de 1955

Figura 1 - *Jornal Rio Grande*, de 18 de janeiro de 1955, p. 7

RIOGRANDENSE 18 DE JANEIRO DE 1955 Página 7

FALTAM APENAS 19 DIAS para a realização do «Cidade», a maior prova do futebol riograndense

Riograndense e Pelotas Jogarão na Noite de Hoje

Um acontecimento no futebol brasileiro, que neste ano de 1955, será realizado no Rio Grande, vai acontecer na noite de hoje, quando os clubes Riograndense e Pelotas jogarem na noite de hoje, em uma partida que será transmitida ao vivo pelo rádio.

A partida será transmitida ao vivo pelo rádio, a partir das 20 horas, e será conduzida pelo comentarista João de Deus. A partida será transmitida ao vivo pelo rádio, a partir das 20 horas, e será conduzida pelo comentarista João de Deus.



Tenente Dr. Raphael Sant'Ana
Oftalmologista - Oculista

Consultas diárias...
Rua 14 de 11, 111
Atende, voluntariamente, aos domingos
R. Gomes Faria, 808
2a. and.

Clínica Médico - Cirúrgica
RUA BENEDETO GONCALVES, N. 201
DR. ISNARD PEIXOTO

...atende de medicina - Cirurgia e Pedras - Consultas
das 10 às 12 horas - Fone 11

DR. ISNARD PEIXOTO FILHO
Clínica geral, Cirurgia, Doenças de Mulheres, Pedras, Doenças de pele e doenças venéreas de doenças, venéreas - Consultas das 10 às 11 horas
Rua do Rio, 100 - Telefone das 17 às 18 hs.
Fone 111

DR. LAESTE F. FERREIRA
Clínica geral, Cirurgia de pele e de pele, Pedras e Doenças de pele, Cirurgia das 17 às 18 horas
R. 14 de 11, 111 - Fone 111

...atende de medicina - Cirurgia e Pedras - Consultas
das 10 às 12 horas - Fone 11

ELETRIC está pintando como a barbada do «Cidade»

Está chegando de Pelotas um jogador conhecido em Pelotas e conhecido em Pelotas, chamado «Cidade», a maior prova do futebol riograndense. Este jogador, chamado «Cidade», é conhecido em Pelotas e conhecido em Pelotas, chamado «Cidade», a maior prova do futebol riograndense.

Dr. J. B. ALTMAYER
Ofício - Oculista - Oftalmologista - Ginecologia
CONSULTÓRIO E RESIDENCIA
Rua Cidade de Porto Alegre, 214
CONSULTÓRIO

Consultas das 10 às 11 e das 14 às 15 horas
Atende telefonado das 10 às 11 horas

Dr. Jacy Plasse - Dr. Nereu R. Marti
CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA
GINECOLOGIA - VIÉS BOMBARAS
RUA 14 DE 11, 111
CONSULTÓRIO

Atende das 10 às 11 e das 14 às 15 horas
Atende telefonado das 10 às 11 horas

Dr. Wadje Salomão
advogado

Ofício, Rua 14 de 11, 111
Residência Constant, 11

Refrigeração Comercial e Doméstica

Veniamos nos ocupar de Refrigeração comercial, de todas as espécies, para casas, restaurantes, agências, hotéis e comércio em geral. Instalação, manutenção e reparação de aparelhos de refrigeração. Atendimento em todas as partes da cidade e arredores. Entregamos em 24 horas.

Exposição
— DE —
HUMBERTO CANUSO

Dr. NEIL SIMÕES
... Clínica e Cirurgia ...
RADIOLOGIA DENTÁRIA
CONSULTAS DIÁRIAS

Das 8,30 às 11,30 horas
Das 14,30 às 16,30 horas

EXCLUSIVAMENTE COM HORA MARCADA
Dr. Pin. 111 - Edifício Pin - Fone 302

Novidades para Tecelões
« ARTEE WESTERLEY »

Ming Colares, C&E 2000 - Indústrias C&E 1000
(Linha Pelotas) (Linha)

Chemicals, C&E 1000 - Indústrias C&E 1000
(Linha Indústrias) (Linha)

Chemicals, C&E 1000 - Indústrias C&E 1000
(Linha Indústrias) (Linha)

CASA LIRA

109 2a. and.

«Casa do Rio Grande»

Temos a honra de anunciar a instalação definitiva de «CASA DO RIO GRANDE», que é a primeira loja de artigos de casa e de decoração da cidade de Rio Grande, com o melhor preço e a maior variedade de produtos. Estamos a oferecer a todos os nossos clientes a oportunidade de adquirir os melhores produtos a preços especiais.

Rua Comend. 18, de Outubro de 1914
LONDROS SANTOS NOBES
Representação - Propriedade
de «Casa do Rio Grande»

CHINEZINHO NO INTERNACIONAL?

A imprensa internacional de futebol, desde que se tornou conhecida a notícia de que o jogador brasileiro, chamado Chinezinho, está sendo considerado para o time do Internacional, tem se ocupado de especular sobre o destino do jogador. Segundo se conta de Eduardo Chinezinho, de Pelotas, que está sendo considerado para o time do Internacional, ele não quer ir para o Rio Grande, mas quer ficar em Pelotas.

DR. PEDRO A. GATTI
DR. COLÓMBIA GONCALVES
CLÍNICA MÉDICA

Terminadas pelas Clínicas
CONSULTÓRIO - Rua 14 de Maio 220A, 421
CONSULTAS das 10 às 12 e das 14 às 16 hs.

Fonte: Biblioteca de Rio Grande

O Jornal Rio Grande de 18 janeiro de 1955 contou com oito páginas em sua edição. A sétima, dedicada ao esporte, abre com a seguinte chamada: “Rio- Grandense e Pelotas jogarão na noite de hoje”. A partida entre os clubes das cidades vizinhas é válida pelo torneio pentagonal intermunicipal. Após anunciar o confronto, o texto detalha que o Pelotas contará com a estreia do zagueiro rio-grandino Carruira. E só na sequência informa que o Rio-Grandense não terá Chinesinho nem Polaco, ambos em negociações. Esse texto não cita qual seria o destino dos jogadores.

Mas há outro texto sobre futebol na página (que está repleta de anúncios). Na coluna central mas já na metade inferior, consta a seguinte matéria: “Chinezinho (sic) no Internacional?” Sucede-se, então, um texto de 17 linhas falando sobre a especulação da “imprensa metropolitana” de que o

“extraordinário avante do Rio-Grandense “já tem uma passagem à disposição, a fim de viajar à Capital do Estado onde seria submetido a um teste no quadro de Salvador (técnico do Inter)”. O último parágrafo dedica-se a eximir os jornais rio-grandinos pela notícia, ao alegar que “os meios esportivos locais desconhecem a notícia”, garantindo que ele “não sairá do Rio-Grandense”.

A respeito do enquadramento, trata-se de uma notícia especulativa de tom neutro e cauteloso sobre a informação da negociação. Mesmo assim, o jornal garante um elogio ao jogador, dando um tom positivo ao incluir o adjetivo “extraordinário” antes de sua posição em campo (“avante”). Por ser um jornal já do fim de sua passagem pelo clube de Rio Grande, percebe-se que o jogador havia conquistado admiração e respeito dos jornalistas do Jornal Rio Grande.

A outra notícia da página fala sobre turfe, um dos principais temas esportivos que importava nos anos 1950 além do futebol. A modalidade é levada tão a sério que a abertura do papel apresenta uma contagem regressiva para o GP Cidade do Rio Grande, o mais tradicional da cidade.

5.1.2 Março e abril de 1956

Figura 2 - *Jornal Rio Grande*, 28 de março de 1956, contracapa.



Fonte: Biblioteca de Rio Grande

Se o Pan-Americano de 1956 serviu para provar ao eixo Rio-São Paulo que havia futebol de qualidade no Sul (a Seleção foi campeã sendo representada por um combinado gaúcho, quase todo do Inter), o campeonato também trouxe à tona a ligação de Chinesinho com Rio Grande. Três edições encontradas pelo autor mostram bem como o atleta nutria carinho sobre sua terra natal.

A edição de 28 de março de 1956 dedicou a contracapa ao esporte. A manchete da editoria foi “Vibrou o pampa na chegada dos campeões da garrá”. Logo abaixo, o subtítulo ampliou o tema, ironizando a “Seleção C” que teria sido montada pelo campeonato. Mas o foco fica na frase “Chinesinho oferece a vitória à cidade do Rio Grande”.

A cobertura da conquista brasileira garantiu a abertura da contracapa (página 8). Todas as seis colunas na parte superior tratam do título. O começo do texto é uma exaltação ao futebol gaúcho. Depois de citar que “uma multidão delirante” recebeu os atletas no Salgado Filho, o que seria, de acordo com o terceiro parágrafo, “a maior consagração já oferecida a uma equipe esportiva em toda a história do Rio Grande do Sul”.

A partir daí, intertítulos ajudam a deixar a página mais leve e didática. E, ainda que a publicação seja rio-grandina e que um filho da terra tenha sido um dos protagonistas, Chinesinho só foi ganhar seu espaço exclusivo na terceira separação de temas (após o jornal recuperar a história do campeonato e descrever a chegada em Porto Alegre).

O terceiro intertítulo fala: “Chinesinho será homenageado”. As linhas anteriores apresentavam uma fala do craque:

Ofereço à minha terra, cidade do Rio Grande, as honras que me cabem como integrante da equipe bicampeã. Aos meus familiares, aos meus amigos e a todos os rio-grandinos, envio daqui, de bordo do Constellation (avião que conduzia a equipe) (JORNAL RIO GRANDE, 1956).

Depois, o jogador é homenageado. O jornal elogia Chinesinho por não “ser mascarado” e segue: “Pelo seu feito, pela sua magnitude, fica o exemplo que deu ao futebol rio-grandino tradição esportiva das mais caras do Rio Grande do Sul”. A publicação parabeniza o craque pelo feito e usa palavras de orgulho sobre ele ser nascido em Rio Grande.

O jornal descreve que o avião fez contato com diversas redes de comunicação e que entrou em cadeia com a Rádio Minuano, “a mais poderosa” e pôde ser feito voto de congratulação da cidade para o conterrâneo Chinesinho.

Aqui, encontramos mais uma prova de que os jornais de Rio Grande tinham máximo respeito e conhecimento do sucesso de Chinesinho. Ao cumprimenta-lo especificamente e acompanhar sua chegada, deixam claro que os critérios de notoriedade e localismo já eram aplicados na imprensa local na década de 1950. A matéria expõe um tom tão elogioso, positivo, que acaba por praticamente ignorar a neutralidade da transmissão de informação. É uma amostragem da importância do atleta para o noticiário regional.

Dias depois, o jornal volta a fazer um texto especial sobre Chinesinho e a conquista do Pan-Americano do México. A edição de 7 de abril de 1956 dedica o canto direito da metade da página 7 a outra matéria exclusiva sobre Chinesinho. O jornal informa que o jogador será homenageado pela Liga Estudantil do Colégio São Francisco, onde havia estudado. “Chinesinho será alvo de carinhosa homenagem pois foi ali que o campeão pan-americano ensaiou seus primeiros passos futebolísticos”. O evento contou com um coquetel e alguns discursos, além de um programa musical. A taxa era de 50 cruzeiros novos (o que seria equivalente a R\$ 30 em dados atualizados pela FEE).

O texto, desta vez, é de caráter de serviço. O tom é neutro e praticamente não há qualquer juízo de valor nem ao jogador, nem à conquista, nem ao evento em si.

O curioso é que o jornal não fez a cobertura do evento, já que não existe qualquer menção a isso nas 10 edições seguintes.

5.2 DIÁRIO POPULAR

Figura 4: Diário Popular, 18 de abril de 2011, p. 16

2 ESPORTE | DIÁRIO POPULAR

O ídolo esquecido que encantou Baggio

Argentino da regularidade nos campos de futebol, o grande Chino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Rafael Klasi Dinis

Rio Grande: "Em 1973, quando eu tinha 15 anos, fui jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil."



Manifesta de otimismo: o ídolo argentino no centro do jogador, que acabou por não jogar, o ídolo argentino nos momentos de êxito e nas partidas

Chinês não tem o mesmo sucesso que teve no Brasil. Mas ele não se desanimou. Ele continuou jogando e acabou por se tornar um jogador importante no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.



Foi a única vez que ele me viu jogar. Rafael Klasi Dinis, jogador argentino que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Como o argentino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Cortado da Seleção

Em 1956, Chino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

na sua vida. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.



O atacante de Guarany de Porto Alegre em 1956. Rafael Klasi Dinis, jogador argentino que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Como o argentino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Como o argentino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Estados Unidos, antes do rei do futebol

Como o argentino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Como o argentino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

Fonte: Acervo do Diário Popular

Na edição de 18 de abril de 2011, o Diário Popular informou a morte de Chino em uma nota no canto inferior esquerdo da página 16, dedicada aos esportes. Ao todo, em uma coluna sem foto, um texto com 16 linhas passagens por Rio-Grandense-RG, Inter e Palmeiras, além de "futebol do exterior". Menciona a conquista do título pan-americano com a Seleção em 1956.

O texto tem um tom neutro, mas elogioso como costumam ser os obituários. Apesar de ser uma notícia triste, a matéria tem caráter informativo, de serviço e texto positivo sobre sua memória. Ainda que seja em pouco espaço.

A página 16 tem como destaque principal a vitória do Rio Grande por 2 a 0 sobre o Guarany, de Bagé, pela última rodada da primeira fase da Divisão de Acesso. O resultado deixou a equipe, que já estava classificada, na segunda posição do grupo. As outras notícias são a vitória de Lewis Hamilton no GP da China (com foto), a contratação do zagueiro Alex Martins pelo Farroupilha (com

Site de Palmeiras destaca o chuteo

Como o argentino chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil. Um jogador que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.



Campeão em 1959 contra o Sport em Pelotas. Rafael Klasi Dinis, jogador argentino que chegou ao Brasil em 1956 para jogar no Guarany de Porto Alegre. Foi o primeiro jogador argentino a jogar no Brasil.

foto), e o empate do time de futebol feminino do Pelotas com o Black Show, de Guaíba. Não há qualquer menção à morte de Chinesinho na capa do jornal.

Percebe-se que, mesmo que tenha prometido ser um jornal regional e até ter uma edição própria em Rio Grande, o Diário Popular não deixou jamais de ter como primeiro foco a cidade de Pelotas, onde está localizada sua sede.

Há, ainda, uma edição do Diário Popular que traz duas páginas sobre Chinesinho, a essa altura já moribundo em 28 de novembro de 2010, quando recebeu uma visita do então candidato à reeleição do Inter, Giovanni Luigi. O texto, porém, não será utilizado para essa pesquisa porque o autor da pesquisa é também o repórter que assina a matéria. Ela foi consultada para recuperar a entrevista com Marilene Dionello Cunha, viúva de Chinesinho.

5.3 DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Um dos mais tradicionais jornais dos anos 1960, o Diário de Notícias, de Porto Alegre, reserva um generoso espaço de sua edição de 16 de janeiro de 1960 para tratar de Chinesinho. Naquele dia, a manchete principal fazia referência a um racionamento de luz de três semanas que passariam os gaúchos após danos em um equipamento da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). No esporte, a página 9 destacava a confirmação da excursão do Cruzeiro-POA à Europa.

Mas logo abaixo, à direita, era apresentada a matéria alusiva a Chinesinho. Em um espaço aproximado de duas colunas, o jornal apresentava um comentário produzido pelo jornal Gazeta Esportiva, de São Paulo. Acima, uma ilustração com a foto do jogador rio-grandino com um desenho de um chinês e a imagem de Didi. O título deixava claro: “Didi já tem substituto na Seleção: Chinesinho”.

A Gazeta Esportiva, de São Paulo, em sua edição de ontem, publica o seguinte comentário, assinado por Paulo Buarque: "No entusiasmo próprio de nós outros latinos temos, às vezes, ajuizado precipitadamente. E por isso mesmo errado. Nesse caso, todavia penso que o julgamento não é prematuro, inclusive porque feito não ao longo de uma, mas de uma série de partidas, as mais diversas, para detalhar o craque. E a menos, pois, que nossos conceitos futebolísticos estejam fugindo

à realidade, entendemos que Didi já tem substituto na Seleção Brasileira.

(...) Quem poderia, na equipe nacional, realizar, jogar aquilo que realizara e jogara Didi na memorável campanha (da Copa do Mundo de 1958)? Falava-se em Dino, mas nem todos entendiam possuir, o meia sampaulino, os recursos, a habilidade e principalmente a saúde muscular de Didi. (...) Porque Rafael, Macalé, Luizinho, Moacir, Ênio Andrade e quantos mais fossem citados estavam longe de assumir o comandamento técnico (...).

Vendo Chinesinho jogar, movimentar-se, dominar a bola, passá-la, defender e atacar com a mesma produtividade, sem esquecer seus vinte e poucos anos, vislumbrei nesse gaúcho de boa cepa, embora já um tanto os quantos barrigudinho, o substituto de Didi [...].

Figura 4 - Diário de Notícias de 16 de janeiro de 1960, p. 6

KROEFF: "CALVET SÓ SAI DE BAGÉ PARA JOGAR NO GRÊMIO"

Chapas antes e o atacante Roberto Fausolegger

Cruzeiro vai mesmo à Europa: tudo acertado

Estadão começará em março, 22 e 23 jogos — Atletas receberão 30 mil cruzeiros menos por cada jogo, e que significa um lucro líquido, se por dos jogadores, de 2 milhões de cruzeiros — Otimeiro e o Fausolegger lo mesmo que levou o Santos à Europa quanto ao sucesso do acordo, dando a grande vitória do Cruzeiro no Rio Grande

Como tornarse o Selecionado para o País

"Didi já tem substituto na seleção: Chinosinho"

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

BERLIM DEMITIU-SE: REPULLO NA PRESIDÊNCIA DO CRUZEIRO

Henrique Goldenberg brilhando em Santos

Horacio de Vitoria na FRGF

Criação na FRGF de um órgão para tratar somente do Futebol Juvenil

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Assim segue a publicação reconhecendo no meia-esquerda do Palmeiras a melhor alternativa para Vicente Feola ocupar a vaga de Didi, que havia deixado o futebol para virar treinador. O interesse do diário do Rio Grande do Sul no texto paulista se deveu basicamente à identificação do atleta com o Estado e também a sua recente passagem pelo Inter.

Aqui, temos mais um exemplo de notoriedade e localismo. Por se tratar de um jornal estadual, o Diário de Notícias frisou o talento de um jogador

gaúcho e que fez sucesso em time do Rio Grande do Sul para dedicar um generoso espaço. Além disso, o tom do texto, extremamente positivo à personagem em questão, deixa claro que o atleta havia superado a barreira da divisa e seu sucesso fora daqui era suficiente para gerar material.

Em 12 de maio de 1960, o governador do RS, Leonel Brizola, visitou o presidente Juscelino Kubitschek para apresentar a situação do Estado. Na página 12, o jornal garantia que Chinesinho havia sido vendido para o futebol italiano por 40 milhões de cruzeiros (R\$ 6 milhões nos dias atuais). O texto é mais cauteloso, fala que "está praticamente vendido a um clube italiano", cujo nome permanece em sigilo. As especulações foram grandes nesse período porque o jogador estava em um giro pela Europa com a Seleção e repetia atuações elogiadas.

Mais uma vez, a notoriedade ganha repercussão em páginas. A matéria só foi divulgada por se tratar de um atleta do Rio Grande do Sul. Como citamos no capítulo 3, Chinesinho foi para a Europa em uma leva de brasileiros que foram contratados pelos times italianos. Aqui, apenas o gaúcho é mencionado pela publicação. O tom é neutro, praticamente informa sobre a negociação e a saída dele para o futebol do Exterior.

Figura 5: Diário de Notícias, 12 de maio de 1960, p. 12



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

5.4 JORNAL DO DIA

O mundo vivia dias tensos em julho de 1958. A Guerra Fria, entre União Soviética e Estados Unidos, dominava as manchetes, como a da edição do dia 19 daquele mês no Jornal do Dia, uma importante publicação de Porto Alegre. Sem chamadas esportivas na capa da edição, o assunto Chinesinho foi o centro das atenções da página oito.

Figura 6: Jornal do Dia de 19 de julho de 1958, p. 8



Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional

A abertura anunciava, em fonte diferente do restante da edição: “Chinesinho segue hoje para São Paulo”. O destaque trazia detalhes sobre a saída do craque do Inter.

Em companhia do técnico Oswaldo Brandão, seguirá hoje, com destino a São Paulo e ao Parque Antártica. Concluída com êxito a transferência do grande avante gaúcho para as fileiras do Palmeiras, Chinesinho demandará à pauliceia com situação devidamente regularizada e em condições de jogo. Aliás, o treinador Oswaldo Brandão, em palestra com nossa reportagem adiantou que o ex-craque colorado deverá treinar entre seus novos companheiros na segunda-feira e já na

quarta-feira será lançado na equipe dos verdoengos paulistas, por ocasião de um jogo oficial frente ao elenco do Comercial (...).

Ao lado direito desse texto, também na abertura da página, em formato diferente, está uma foto de Chinesinho, com a legenda: “O grande avante gaúcho já pertence ao futebol paulista (...) O Palmeiras teve de dispor de milhões para adquirir o jogador rio- grandino”.

No lado esquerdo, abaixo do destaque falando da saída de Chinesinho, há um texto de opinião. A coluna Olheiro, assinada por Paulo Sartori, lamenta que os jogadores gaúchos precisem deixar o Estado graças ao poderio financeiro dos paulistas. Segundo ele, o Palmeiras investiu 4 milhões de cruzeiros (R\$ 2 milhões em valores atuais) para contratar Chinesinho. Para o articulista, outro aspecto que pesa em favor dos clubes paulistas é a proximidade da Copa do Mundo. Naquele tempo, jogar nas principais metrópoles do país (São Paulo e Rio de Janeiro) era decisivo na escolha dos nomes na hora de convocar a Seleção Brasileira.

Aqui, temos como critérios de valor-notícia o localismo e o ineditismo. Chinesinho seria o primeiro jogador negociado por valores tão altos no Rio Grande do Sul. A combinação atleta do Inter mais dinheiro rendeu também um texto de opinião sobre sua saída. O tom de lamentação do colunista não esconde que a matéria é positiva, ainda que a notícia seja classificada como neutra.

5.5 O ESTADO DE SÃO PAULO

A edição dominical de 3 de abril de 2005 do Estado de São Paulo dava como manchete a iminente morte do Papa João Paulo II. O pontífice vivia seus últimos dias e atraía olhares do mundo para Roma. Seria a primeira vez em quase 30 anos que os católicos ficariam sem seu líder supremo. Sua partida gerava comoção no mundo, e uma migração de fiéis para a frente da Basílica de São Pedro, no Vaticano. No Brasil, uma crise com José Dirceu desgastava o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. E no esporte, o São Paulo dependia apenas de um empate para ser campeão paulista com três rodadas de antecipação. Esses foram os principais destaques daquela capa, mas a página 189 destinava um conteúdo especial sobre Chinesinho.

O texto é do repórter Fausto Macedo, cujo título diz: “Chinês, a lenda esquecida” e tem como cartola “Julinho, Pelé, Coutinho, Chinesinho e Pepe”, em alusão à linha ofensiva da seleção paulista entre o final dos anos 1950 e o início da década seguinte. Chinesinho estava na Praia Grande, litoral paulista, acompanhando a vida de Sidney Colônia Cunha. O ex-jogador do Palmeiras vivia uma rotina de carteados, dores nas costas, “birinaite”, papo com amigos e um pouco de solidão – segundo a matéria, Marylene estava em Rio Grande cuidando da mãe, doente.

O jornalista acompanhou Chinesinho em uma partida de buraco com amigos. O jogo havia começado pela manhã e se estendido ao longo da tarde. O ex-jogador tinha também passado por uma academia ao ar livre para fazer alongamentos, atendendo às orientações do médico Osmar de Oliveira, que detectara problemas graves de coluna no rio-grandino.

Àquela altura da vida, Chinesinho já não gozava do glamour de outrora. Levava uma vida simples, que envolvia os encontros para jogar carta e cozinhar para si mesmo. Não existia empregado ou carro luxuoso. Ele percorria caminhando os três quilômetros que o separavam sua casa do bar onde encontrava o pessoal.

Julinho, Pelé, Coutinho, Chinesinho e Pepe Chinês, a lenda esquecida

Avião projetado pela Minizima no final da década de 50, e o clube inaugurado em 1964, quando o jogador chegou ao Brasil

Paulo Roberto
Um avião de asa delta, com um motor a jato, foi o primeiro projeto de aeronáutica de Paulo Roberto Faria. O projeto foi desenvolvido em 1958, quando ele tinha 17 anos. O avião foi construído em um galpão de madeira, no bairro de Vila Rica, em São Paulo. O projeto foi financiado por um amigo de família, o engenheiro João de Deus. O avião foi testado em um campo de futebol, no bairro de Vila Rica. O avião voou por cerca de 10 minutos, a uma altitude de cerca de 100 metros. O projeto foi considerado um sucesso, e Paulo Roberto Faria ficou conhecido como o "pai do avião de asa delta".



Paulo Roberto Faria, o pai do avião de asa delta, em um momento de trabalho em seu escritório em São Paulo.



Paulo Roberto Faria, o pai do avião de asa delta, em um momento de trabalho em seu escritório em São Paulo.



Um dos jogadores do clube em um momento de trabalho em seu escritório em São Paulo.



Um dos jogadores do clube em um momento de trabalho em seu escritório em São Paulo.

Paulo Roberto Faria nasceu em 1941, em São Paulo. Ele é um engenheiro e um avião de asa delta. Ele é conhecido por ser o "pai do avião de asa delta". Ele foi o primeiro a projetar e construir um avião de asa delta com um motor a jato. O avião foi testado em um campo de futebol, no bairro de Vila Rica, em São Paulo. O avião voou por cerca de 10 minutos, a uma altitude de cerca de 100 metros. O projeto foi considerado um sucesso, e Paulo Roberto Faria ficou conhecido como o "pai do avião de asa delta".

Um dedão quebrado. E aí veio a glória

Quando o jogador virava a bola, sofria com um pé direito e isso se refletia no jogo com a esquerda

Paulo Roberto Faria nasceu em 1941, em São Paulo. Ele é um engenheiro e um avião de asa delta. Ele é conhecido por ser o "pai do avião de asa delta". Ele foi o primeiro a projetar e construir um avião de asa delta com um motor a jato. O avião foi testado em um campo de futebol, no bairro de Vila Rica, em São Paulo. O avião voou por cerca de 10 minutos, a uma altitude de cerca de 100 metros. O projeto foi considerado um sucesso, e Paulo Roberto Faria ficou conhecido como o "pai do avião de asa delta".

Paulo Roberto Faria nasceu em 1941, em São Paulo. Ele é um engenheiro e um avião de asa delta. Ele é conhecido por ser o "pai do avião de asa delta". Ele foi o primeiro a projetar e construir um avião de asa delta com um motor a jato. O avião foi testado em um campo de futebol, no bairro de Vila Rica, em São Paulo. O avião voou por cerca de 10 minutos, a uma altitude de cerca de 100 metros. O projeto foi considerado um sucesso, e Paulo Roberto Faria ficou conhecido como o "pai do avião de asa delta".

Paulo Roberto Faria nasceu em 1941, em São Paulo. Ele é um engenheiro e um avião de asa delta. Ele é conhecido por ser o "pai do avião de asa delta". Ele foi o primeiro a projetar e construir um avião de asa delta com um motor a jato. O avião foi testado em um campo de futebol, no bairro de Vila Rica, em São Paulo. O avião voou por cerca de 10 minutos, a uma altitude de cerca de 100 metros. O projeto foi considerado um sucesso, e Paulo Roberto Faria ficou conhecido como o "pai do avião de asa delta".

Fonte: Acervo do Estadão

A matéria, de página inteira, relembra seu passado de jogador. Sua transferência do Inter para o Palmeiras, que custou 3,3 milhões de cruzeiros – a maior negociação da época, de acordo com o texto (algo como R\$ 1,6 milhão

nos dias atuais). Depois, menciona seus momentos gloriosos no Palmeiras e a saída para o Modena, por 180 mil dólares (o equivalente a 75 milhões de cruzeiros – ou R\$ 10 milhões hoje em dia). A reportagem menciona que o Palmeiras usou o dinheiro para pagar parte da obra que elevou o gramado do Estádio Parque Antártica. A publicação recorda seu período na Itália, primeiro como jogador e depois como observador, creditando-lhe a descoberta de Paolo Rossi, que viria a ser o carrasco do Brasil em 1982, na Copa do Mundo.

Essa matéria principal, que vem ilustrada com fotos de Chinesinho jogando baralho e posando à frente de troféus além de retratos dos tempos de atleta, aborda, ainda, as aventuras de Chinesinho como treinador na Arábia Saudita e no Palmeiras. Por fim, retorna à contemporaneidade para situar sobre a situação do ex-jogador, seu salário como aposentado, custos para morar no litoral e assim por diante.

Abaixo desse texto, há uma retranca para detalhar números e curiosidades da vida do ex-jogador. De acordo com a reportagem, quando ainda morava em Rio Grande, Chinesinho fraturou o dedo do pé direito em um campeonato amador. Para não parar de jogar, aprendeu a bater na bola com o pé esquerdo. Acabou virando canhoto.

Além de apresentar um levantamento sobre os números de sua carreira, o repórter consultou ex-companheiros para que avaliassem seu desempenho. São ouvidos o jornalista Sandro Vaia, que disse se tratar de um fora de série. Valdir de Moraes, goleiro de sua época de Palmeiras, foi além: “Ele era veloz e tinha um domínio extraordinário, foi o jogador de meio de campo mais completo que já vi em toda a minha vida. Era um atleta excepcional, do naipe de Ademir da Guia. Pode ser incluído na categoria de craque”.

Por fim, a retranca cita o jogo em que Chinesinho mudou de posição e virou meia no Palmeiras, passando Ênio Andrade para a ponta. O texto menciona essa alteração como fundamental para o time verde quebrar a marca do Santos e arrebatou o troféu do Campeonato Paulista de 1959 (decidido em janeiro de 1960). Trata-se do maior espaço sobre o jogador encontrado na pesquisa, à exceção das páginas do jornal Diário Popular mencionadas.

Por ser uma edição dominical e concorrente com a final do Campeonato Paulista, é de se surpreender que haja tamanho espaço para uma matéria fora de atualidade. Por isso, entendemos que houve mais dois valores-notícia além

de notoriedade e localismo para a execução dessa reportagem: a exclusividade e o inusitado. O fato de um craque como ele viver uma vida simples e a rotina sem luxos de uma antiga celebridade nacional são sempre temas caros ao jornalismo. No caso específico de Chinesinho, o localismo está garantido tanto por ter jogado no Palmeiras quanto por ainda morar no Estado de São Paulo.

O enquadramento da matéria é mais amplo. Por se tratar de uma recuperação histórica, em um texto longo, predomina o tom neutro. Mas há menções positivas, como as memórias de suas façanhas enquanto jogador, e negativas, como a solidão de sua casa no litoral.

5.6 JORNAL DO BRASIL

A edição conjunta de 11 e 12 de agosto de 1968 do Jornal do Brasil foi impressa com 120 páginas divididas em cinco cadernos. Não há, na capa, chamadas para matérias esportivas. A publicação dá como maior destaque a morte de uma quinta pessoa envolvida em um acidente com um ônibus do Rio que iria para Petrópolis. Ao lado da imagem do veículo tombado, uma nota destacava o debate no país a respeito da pílula anticoncepcional, criticada pelo Papa Paulo VI. O que não deixa de ser curioso para uma publicação vendida em bancas, que normalmente sucumbe à tentação de incluir o esporte na frente para atrair leitores-torcedores que a adquiram.

Mas na página 38, ocupando duas colunas inferiores à direita, Chinesinho recebe atenção especial. O repórter Jair Cunha Filho, da sucursal do JB em Porto Alegre, apresenta uma reportagem com o jogador. “Chinesinho diz que ficou rico na Itália mas quer voltar para o Palmeiras”, anuncia o título da matéria.

O texto deixa implícito que o repórter encontrou sua fonte em Rio Grande, onde o atleta passava os últimos dias de suas férias. Estava em vias de deixar a Juventus e se transferir para o Lanerossi, de Vicenza, ainda na Itália, mas sinalizava de que gostaria de retornar ao Palmeiras.

A matéria inicia com um breve histórico de Chinesinho, citando que começou a se destacar no Inter, com Luizinho, Larry e Bodinho. E, na sequência, teria ficado milionário na Itália, aos 33 anos. Apesar da idade e do dinheiro, o jogador garantia que queria continuar a carreira por algumas

temporadas, diz a reportagem. O jornal aponta também que Chinesinho afirma “se sentir um garoto” e que isso se dava graças à intensidade do trabalho realizado na Europa. Inclusive, foi lá que o jogador se consolidou no meio e não mais como ponteiro esquerdo.

Ainda que haja espaço destinado ao futebol, é a vida pessoal dele que norteia a confecção da matéria. Já no terceiro parágrafo consta que ele dirige um Alfa Romeo, mas que “se vier para o Brasil, venderá para comprar um Mercedes da Suíça”, o que, para um morador local, sairia mais barato do que para um forasteiro. Para superar a burocracia de legalizar um veículo no país, contaria com a força de João Havelange, que, de acordo com Chinesinho, “sempre ajunta as coisas para todo o pessoal que jogou pela Seleção”.

A pedido do repórter, lembra que foi um garoto de infância pobre, “criado nas areias da praia”, e era filho de Chinês, um ídolo do futebol local. Agora milionário, dá-se ao luxo de pagar multas dos amigos que vão visitá-los. E para chegar à fortuna alegada, contou com orientação familiar. Chinesinho conta que um tio lhe sugeriu comprar um apartamento, em 1955. O jogador ficou com medo, mas o parente lhe assegurou de que era possível viver só com o dinheiro que as gratificações provinham, e que ninguém passaria fome. A estratégia, de acordo com o jogador, foi bem-sucedida, uma vez que ele acabou comprando três apartamentos em Porto Alegre e “parece que uns 17 em São Paulo”.

O texto prossegue analisando a passagem do gaúcho pela Itália. Em sua visão, o atleta orgulha-se da trajetória feita no Exterior e faz uma breve retomada de sua história por lá. Ele orgulha-se de ter sido campeão pela Juventus, mas não deixa de mencionar que não perdeu partidas por lesões, apenas problemas físicos e, eventualmente, táticos e técnicos.

O último parágrafo traz uma análise de Chinesinho sobre a Seleção Brasileira, que recém havia feito um amistoso na Alemanha. Para o jogador, o time jogou de forma lenta e “o futebol brasileiro tem de aumentar a velocidade se quiser voltar a ser campeão do mundo”.

Nessa edição, ainda que não seja o principal assunto da página, a história de Chinesinho ganha um espaço importante pelo simbolismo. O Jornal do Brasil é uma publicação carioca, onde o jogador nunca atuou. E está na Itália. Mesmo assim, vira personagem da matéria por conta da notoriedade de

ser um brasileiro com destaque em uma modalidade esportiva. O enquadramento é basicamente neutro, com informações colhidas pelo repórter e divulgadas aos leitores, praticamente uma entrevista. Há poucos elogios, não o suficiente para que possa ser classificada como positiva. A não ser, é claro, pelo espaço concedido.

Figura 8: Jornal do Brasil de 11 e 12 de agosto de 1968, p. 38



Fonte: Acervo Digital da Hemeroteca Nacional

5.7 REVISTA DOS ESPORTES

Dedicada exclusivamente ao noticiário esportivo, a Revista dos Esportes marcou a década de 1960. Impressa e editada no Rio de Janeiro, a publicação

contava com um escritório em São Paulo. Repórteres dedicavam páginas a informações curtas, relatos de partidas e, também, a matérias especiais.

5.7.1 Março de 1960

Figura 9: Revista dos Esportes 19 de março de 1960, p.11 e 12



Fonte: Acervo Digital da Hemeroteca Nacional

Uma dessas matérias mereceu uma chamada na capa de 19 de março de 1960. A foto principal da primeira página apresenta Pelé e Valdir como as duas principais estrelas do futebol paulista. E dedica um canto para uma declaração de Chinesinho, companheiro de Valdir, no Palmeiras. O gaúcho havia afirmado que brigaria pela vaga de Didi na Seleção.

O texto está nas páginas 11 e 12. Acompanhado da cartola “Chinesinho não faz por menos”, o título não poderia ser mais claro: “Quero o lugar de Didi na Seleção!” A frase atravessa as duas folhas, que, além do texto (sem assinatura de repórter), contêm seis fotos do jogador. O olho¹ dá o tom da matéria: “Depois de perder quatro quilos, o craque do Palmeiras ficou em

1 Olho: apresentação sintética do conteúdo da página, apresentada dentro de um box.

grande forma e agora quer ir ao Chile de qualquer maneira”. Ir ao Chile, neste caso, refere-se à Copa do Mundo, que ocorreria dali a dois anos.

A rigor, ele concedeu uma entrevista, e o repórter mesclou as técnicas do texto corrido com o uso do travessão para mencionar as falas do entrevistado. A abertura menciona o emagrecimento de Chinesinho e o destaca como grande estrela das finais do Paulista, que acabara havia pouco tempo. E o repórter pergunta: “É verdade que você quer o lugar de Didi na Seleção Brasileira?”. Segundo a revista, Chinesinho olhou “meio assustado”, mas respondeu:

Todos sabem que temos que encontrar um substituto para ele, mas dizer que o substituto serei eu, é muito pretensão. Querer é claro que quero, mas ao selecionador é que será dado indicar o melhor para a posição. Sou fã número 1 de Didi e para mim seria uma grande honra ocupar seu lugar na Seleção. Fugindo da modéstia, digo: tenho certeza que se me derem uma oportunidade, não farei feio (REVISTA DOS ESPORTES, 1960, p. 11).

A seguir, a matéria informa que, em 20 de fevereiro, Chinesinho “uniu-se pelos laços matrimoniais a uma conterrânea de Rio Grande”. Revela que os colegas de time foram à cidade dar-lhes “fortes abraços e desejar-lhes a felicidade”. A publicação diz ainda que os recém-casados morariam em São Paulo, o que ajudaria o jogador a renovar contrato com o Palmeiras.

Depois disso, o assunto chega aos quatro quilos perdidos por Chinesinho. Segundo ele, o regime foi fundamental para que ele atingisse a grande atuação na decisão diante do Santos – sua melhor partida pelo clube até então, de acordo com sua declaração. O atleta elogia ainda o técnico Osvaldo Brandão, por tê-lo colocado em campo depois que chegou à forma física ideal. No final, o rio-grandino retoma o assunto Seleção e pede uma vaga no time.

Chinesinho ganha tamanho espaço na publicação por ser um dos principais jogadores do país naquele ano. Nesse caso, o critério para o valor-notícia é o simples fato de uma das principais estrelas do esporte mais popular do país conceder uma entrevista exclusiva. Não percebemos a questão do localismo por se tratar de um profissional do Palmeiras em um jornal carioca.

Sobre o enquadramento: a matéria é informativa. O repórter abre mão de dar opinião e, como é uma basicamente uma entrevista, deixa que a

personagem adjetive o texto. Chinesinho, aqui, é descrito com neutralidade. Mas não podemos ser ingênuos e deixar de perceber que se trata de uma reportagem positiva para a carreira do jogador.

5.7.2 Junho de 1962

A Copa do Mundo do Chile estava em andamento em 23 de junho de 1962, quando a edição de número 172 da Revista dos Esportes publicou mais uma reportagem grande com Chinesinho. Ele havia sido cortado do Mundial, mas, ainda assim, recebeu holofotes.

Figura 10: Revista dos Esportes de 23 de junho, páginas 16 e 17



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Dessa vez, não há chamadas na capa, apenas as fotos de Gilmar e Bellini, que haviam sido campeões em 1958 e estavam disputando o bi. A matéria sobre Chinesinho, portanto, só é verificável ao abrir a revista nas páginas 16 e 17.

A seção se chama “Um craque na intimidade”. Há uma foto do jogador com seu filho, Sidnei Dionello Cunha, ainda bebê, tentando ficar em pé dentro de um berço. Ao redor da foto, o repórter (cuja identidade não é possível saber, já que não há assinatura) traz uma série de informações sobre os bastidores da vida do craque do Palmeiras.

Está lá: “Chinesinho sente-se tristonho e aborrecido depois de toda e qualquer derrota (...) Para esquecer dos resultados adversos, vai para casa e brinca com o filho”.

O texto revela que o jogador gosta de assistir aos VTs das partidas para analisar o que fez certo e o que fez errado. Depois, informa que ele prefere tomar banhos frios após os jogos, para recuperar os músculos. Mais adiante, afirma que o rio-grandino é carinhoso com a esposa e o filho e “compra presentes sempre que viaja”.

Segundo a descrição, seu apartamento tem cozinha ampla, dois quartos e sala, mas, como não tem carro, Chinesinho vai aos treinos do Palmeiras de carona com Vavá. De acordo com a reportagem, ele dorme de calção e “não sabe se ronca, mas sua mulher diz que sim”. É com esses relatos da vida cotidiana que se segue o perfil do atleta.

Aqui, o jogador é o centro das atenções de uma seção específica da revista. Em edições anteriores e posteriores, outros atletas também foram destacados no espaço. Por isso, é possível afirmar que houve notoriedade em sua escolha. Chinesinho é descrito com palavras elogiosas, que se misturam à entrevista. Assim, pode-se concluir de que se trata de um texto positivo com certos elementos meramente informativos.

5.7.3 Agosto de 1965

Em 1965, Chinesinho estava na Itália havia três anos. Inicialmente contratado pela Internazionale, de Milão, havia sido emprestado ao Modena e, posteriormente, vendido ao Catania. Em 28 agosto, a Revista dos Esportes faz mais uma reportagem de duas páginas com o gaúcho, que estava sendo negociado com a Juventus.

Figura 11: Revista dos Esportes de 28 de agosto de 1965, p. 14 e 15



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Não há chamada na capa para a matéria “Futebol italiano dá milhões a Chinesinho” cujo subtítulo acompanha: “Ele ganhou cartaz na Itália sem ser goleador”. O texto de quase duas colunas em uma página dividida em três (na outra há três fotos, uma do atleta com sua mulher Marilene, uma com o filho Sidnei, e uma treinando) aponta detalhes da vida na Europa.

O texto começa dizendo que “mesmo que não seja um goleador”, Chinesinho tinha grande prestígio na Itália. Apesar de não ter chegado a atuar praticamente pela Inter de Milão, o jogador garante que considera positiva sua passagem pelo país. “Foi um grande negócio, pois ganhei 14 milhões de liras (mais de 50 milhões de cruzeiros – em valores atualizados, aproximadamente R\$ 1,5 milhão) de luvas e salário de 200 mil liras, fora os bichos”, declara o atleta, ao comentar sua transferência para o Catania. Sobre a ida para a Juventus, afirma que pediu 20 milhões de liras (mais de 60 milhões de cruzeiros – cerca de R\$ 1,7 milhão atualmente) de luvas e ordenação igual, 200 mil liras, “como de hábito”.

De acordo com a reportagem, Chinesinho gosta muito da Itália e “ameniza a saudade do Brasil convivendo com os patrícios que vivem lá”. Sobre o dinheiro que ganha, revela investir em apartamentos em São Paulo. Conta, também, que ajuda nos estudos dos irmãos Ubirajara e Uguaraci, em Rio Grande.

Sobre o futebol italiano, avaliou que o nível técnico era inferior ao brasileiro, mas que os jogos são difíceis porque há viagens mais longas e campos ruins. Atesta que Amarildo é o estrangeiro mais popular do esporte no país europeu, seguido do espanhol Luís Suárez. E lamenta que torcedores italianos não vejam em Pelé o maior jogador do mundo.

Ele finaliza comentando que procura se inteirar sobre o Brasil por meio de notícias e que torcerá muito pela Seleção na Copa de 1966, disputada na Inglaterra.

Há pouco juízo de valor na publicação. O repórter preocupa-se mais em ouvir Chinesinho do que em avaliá-lo. As opiniões partem do próprio jogador, que analisa a condição do esporte na Itália, conta sobre suas aquisições no Brasil e menciona alguns sentimentos pessoais (saudade, dor na derrota, presença da família etc.). O enfoque deve ser considerado neutro, apesar de ser bem claro que conseguir um espaço tão grande em uma publicação destacada para uma matéria que não é negativa já deve ser considerado positivo. A notoriedade é o principal valor-notícia para essas páginas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos o verbete “craque” disponível do dicionário Aurélio: “Jogador excelente que se distingue dos demais por sua habilidade e talento”. Apesar da definição clara do autor, perfeitamente compreensível e facilmente aceitável, há uma subjetividade importante no adjetivo “excelente” e nos substantivos “habilidade” e “talento”. Foi praticamente nesses termos que baseamos os questionamentos apresentados no capítulo 4.

A primeira conclusão possível é a que a definição de craque para a mídia encontra uma semelhança com a de torcedores em geral: existe uma influência clara da memória afetiva. Com o passar do tempo, esquece-se (ou ao menos finge-se esquecer) detalhes desagradáveis e recorda-se do essencial, do documentado e do senso comum. É praticamente como o noticiário esportivo de televisão, no qual apaga-se os lances banais e seleciona-se somente os melhores momentos.

Nesse ponto, Chinesinho leva vantagem sobre os craques contemporâneos. O fato de ter parado de jogar há mais de 40 anos, em um tempo sem tantos registros e, atualmente, sem tantas testemunhas, facilita que os “melhores momentos” sejam cada dia melhores mesmo. Se alguma vez ele errou, fez má partida, portou-se mal, está difícil encontrar. Certamente houve – até Pelé, uma unanimidade, viveu seus dias ruins no gramado – mas os registros são escassos. Por isso, suas falhas praticamente inexistem e o mito em torno dele pode transformá-lo em um personagem ainda maior do que realmente é.

É óbvio que existe o outro lado. A carência de registros obriga a questionamentos e comparações que podem se mostrar nocivos a Chinesinho. Jogadores dos tempos atuais, principalmente os que atuaram nas equipes em que atuou o objeto de pesquisa (leia-se Inter, Palmeiras e Juventus) têm todos os passos vigiados, observados, postados e divulgados. Mesmo que seus erros e falhas estejam disponíveis aos olhos do mundo, na hora em que a memória afetiva entrar em ação, seus “melhores momentos” estarão editados, difundidos e espalhados. Possivelmente, o que ficará marcado para sempre poderá ser acessado 24 horas pelos mais diferentes ângulos, tomadas e aplicativos.

Fosse apenas essa razão, a pesquisa estaria justificada. Para uma cidade como Rio Grande, concluir que foi berço de um craque ajudaria, pelo menos, no subjetivismo da autoestima. Ainda que soe como uma futilidade, quem viveu no município na última década pôde perceber, com a ascensão e a queda do polo naval, o quanto o orgulho de uma terra altera o humor de sua população.

Mais do que isso. A pesquisa preocupou-se em buscar, por diferentes cronistas, de épocas, cidades, pensamentos e funções distintas, como é possível criar uma definição de craque de acordo com a mídia. Houve consenso em certo aspecto: o craque é, de fato, alguém que se diferencie dos demais pelos mais variados motivos. E aí não se encaixa apenas a habilidade acrobática e malabarista. Caso contrário, não existiriam os craques da simplicidade, como Taffarel, citado por Sérgio Xavier Filho, goleiro que marcou época no futebol nacional e cuja maior virtude sempre foi o bom posicionamento, que ajudou a evitar grandes voos espalhafatosos.

Outro ponto de consenso entre os entrevistados é que todos consideram ser possível identificar um craque ainda em atividade. Há algumas semelhanças de características, que transpassam a subjetividade, que acabam possibilitando essa visualização. Zini Pires fala em “qualidade superior à flor da pele (...) desde muito jovens”. Xavier Filho menciona o respeito que impõe a companheiros e adversários. Satt cita o trato com a bola. Tudo isso ajuda na hora de analisar o atleta.

Entre aqueles que viram Chinesinho jogar e foram entrevistados, houve unanimidade: tratava-se de um craque de seu tempo. Seja por seu estilo, sua força, sua habilidade ou sua inteligência, foi um fora de classe dos anos 1950 e 1960. Para os mais jovens, ocorreu uma divisão. Zini Pires usa a literatura ou a história oral como fonte para basear sua resposta, no caso, sim, era um craque. Xavier Filho prefere elevar ainda mais a régua e não o incluir nessa categoria, mesmo entre os nascidos no Rio Grande do Sul.

Depois de esclarecida essa parte, sobre a definição de craque para a mídia esportiva, passamos a apresentar a vida de Chinesinho contada pelos jornais. E deparamo-nos com um ponto inesperado. A carência de reportagens sobre ele em Rio Grande. Ainda que houvesse jornal diário na cidade durante toda a sua carreira, pouco se falou sobre o atleta. Mesmo nos tempos em que

jogava no Rio-Grandense, o jogador foi tratado como qualquer outro contemporâneo. Nem mesmo sua saída para o Inter, tida como um marco para o futebol do interior gaúcho, ou a transferência para o Palmeiras, que resultou na reconstrução do estádio do clube paulista, mereceu maiores destaques entre as publicações locais.

Sua vida na Itália, que poderia gerar assunto entre os redatores pela curiosidade que despertaria em uma comunidade à época tão distante culturalmente da Europa, também não virou pauta. Em pesquisa realizada ao longo dos meses na Biblioteca Rio-Grandense, inclusive com a participação e o auxílio do pesquisador Willy César, um historiador da cidade, não foi encontrada qualquer matéria. Apenas suas visitas ao balneário Cassino, em períodos de férias, foram mencionadas.

Após a entrevista com Willy César (2017), concluiu-se que houve três razões principais para a ausência de reportagens. A primeira diz respeito ao estilo das publicações. O Jornal Rio Grande, contemporâneo do auge da carreira de Chinesinho, tinha por característica preencher todos os espaços com notas e pautas do cotidiano. Priorizava divulgar o máximo de assuntos possíveis, preferencialmente sobre os times locais e suas preparações para partidas – à época, Rio-Grandense, São Paulo e Rio Grande mantinham ativos departamentos de futebol e competições permanentes. Não havia matérias especiais fora dos assuntos diários.

A segunda razão seria, em sua visão, a escassez tanto de qualidade quanto de informações. Willy afirma que os jornais da época normalmente eram escritos por jovens que ainda não tinham profissão definida e encontravam na redação uma carreira a seguir, quase sempre, é verdade, supervisionada por alguém mais experiente. Some-se a isso o fato de não chegarem informações da Europa com a velocidade de décadas seguintes. Assim, uma pauta com esse viés tornava-se ainda mais difícil de executar.

Por último, há a limitação de espaço. O jornal rodava com duas folhas, que se transformavam em oito páginas. Com os assuntos de geral, polícia, social, anúncios e opinião, dedicava-se apenas uma (ou, em alguns casos) duas páginas para o esporte. E o período não se detinha apenas no futebol, como hoje: cedia-se generosos espaços para atividades como basquete, pesca, turfe e golfe, que atraíam a atenção dos leitores da época.

Com esse cenário, a história de Chinesinho só pôde ser recuperada utilizando-se da memória de quem conviveu com ele – ou herdou de quem teve essa convivência – ou de publicações de fora de Rio Grande. Mais especificamente, de jornais porto-alegrenses, paulistanos, cariocas e italianos. Alguns deles digitalizaram suas coleções e disponibilizaram em hemerotecas públicas ou acervos próprios. Outros exigiram pesquisas in loco, folheando as páginas.

Dessa forma, a ideia original da pesquisa, que buscava recuperar a história de Chinesinho por meio dos jornais rio-grandinos, precisou ser adaptada em sua versão final. E isso acabou enriquecendo o material e esclarecendo alguns pontos. Por exemplo: poder-se-ia imaginar que os jornais da cidade não haviam identificado nele um craque contemporâneo. Mas a quantidade de vezes que ele virou pauta em publicações de alcance nacional atuando pelos principais clubes do país (e também da Itália) derrubam essa hipótese. Assim, inferimos que os jornais de Rio Grande não publicaram matérias sobre Chinesinho porque não fazia parte de sua rotina esse tipo de reportagem especial. E certamente haverá outros fatores, ligados à cultura local, como a rotina de produção e o fator econômico.

Por outro lado, as publicações de fora não pouparam elogios ao craque rio-grandino, justificando sua fama que carrega ainda hoje, principalmente na Itália e entre os torcedores do Palmeiras. Chinesinho ocupou capas de revistas, foi mencionado ao lado de nomes consagrados como Pelé, Zizinho e Didi e sempre esteve nas principais pautas.

Chinesinho, nas reportagens encontradas na pesquisa, recebeu sempre enfoque positivo, mesmo quando o texto pendia mais para um teor neutro, informativo. Muitas vezes, o simples fato de receber o espaço generoso para conceder uma entrevista ou apresentar sua casa configura-se em um ponto benéfico para sua carreira, demonstrando respeito por seu talento e reverenciando seus resultados e feitos.

Sua vida em Rio Grande, em Porto Alegre, em São Paulo, na Itália e até no litoral paulista, após seu retorno, já aposentado, mereceu destaque nos principais veículos impressos no país. O jogador garantiu fama pelas páginas por pelo menos quatro décadas de registros – obviamente, com maior periodicidade no período em que esteve atuando. A notoriedade da

personagem fica destacada com as mais de 3 mil citações a seu nome na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Até por isso estranhamos tanto a falta de matérias mais elaboradas na imprensa rio-grandina, uma vez que vimos que, já nas décadas de 1950 e 1960, havia uma cultura jornalística de aplicar os valores-notícia consagrados na rotina das redações, bem como avanços tais quais lides e pirâmides invertidas.

A partir disso, pode surgir uma continuação da pesquisa – e possivelmente um novo trabalho, como livro ou documentário. Aprofundar-se no que publicaram os principais jornais brasileiros e italianos sobre Chinesinho daria ao pesquisador um panorama ainda mais claro sobre sua importância para o futebol como um todo, em dois países polo do esporte. Certamente, saciaria a curiosidade e poria luz em um importante personagem do país.

Porque, no fim das contas, apesar de Rio Grande dizer que se orgulha dos marcos históricos, das datas importantes e dos filhos vitoriosos, por alguma razão “esqueceu-se” de Chinesinho. Não só os jornais da época não valorizaram uma carreira brilhante como os contemporâneos não recuperam sua memória. E o poder público, que a tantas pessoas homenageia, nem sequer batizou uma rua com seu nome. Ao menos, cientificamente, estamos registrando fatos que poderão resultar na recuperação da história desse craque em sua terra natal.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. **Morre ex-jogador Chinesinho, ídolo no Palmeiras e no Inter**. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,morre-ex-jogador-chinesinho-idolo-no-palmeiras-e-inter,707217>. Acesso em: 1 out. 2017.

ANJ. **Imprensa Brasileira: Dois Séculos de História**. Disponível em: <http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia-2/>. Acesso em: 1 out. 2018.

BRITO JR, Alvaro Francisco de; FERES JÚNIOR, Nazir. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

CBF, 16/04/2011. **Morreu Chinesinho, jogador da Seleção Brasileira entre 1956 e 1961**. Disponível em: <https://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-masculina/morreu-chinesinho-jogador-da-selecao-brasileira-entre-1956-e-1961#.WfJx91tSzct>. Acesso em: 1 out. 2018.

CESAR, Willy. **A cidade do Rio Grande - do big bang a 2015**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

CESAR, Willy. Entrevista ao autor. Rio Grande, 5 de janeiro de 2017.

COUTO, Alexandre André Guimarães. **A imprensa esportiva carioca (décadas de 1940 a 1960)**. Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro. p. 510-521. Rio de Janeiro, 2010.

CUNHA, Jaqueline Rosa da Cunha. **A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado), PUCRS, 2009.

DORNELLES, Beatriz. **O localismo nos jornais do Interior**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 237-243, setembro/dezembro • 2010

EISENHARDT, K. M. Building **Theories from Case Study Research**. The Academy of Management Review, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

ENTMAN, Robert. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**, in Defining Media Studies, New York: Oxford University Press, p. 293-300, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTÃO CONTABILIDADE: **Tabelas de Valores de Salário Mínimo de 1940 a 2017**. Disponível em: <http://www.fontaocontabilidade.com.br/capa.asp?infol=1336>. Acesso em: 1 out. 2017.

FREITAS, Wesley R.S.; JABBOUR, Charbel J. **Utilizando o estudo de caso como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões**. Estudo & debate, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GAUTHIER, Benoit [1984]. **Recherche sociale**: de la problématique à la collecte des données. Université du Québec, 6. ed. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2016.

GAZETA ONLINE: **Historiador só vê duas vendas parecidas com a de Jesus no Verdão.** Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/esportes/futebol/palmeiras/2016/08/historiador-so-ve-duas-vendas-parecidas-com-a-de-jesus-no-verdao-1013962777.html>. Acesso em: 1 out. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMANN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

GULARTE, Jonas Albandes. **Ronaldo: o mais recente herói representante da identidade nacional**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Especialização em Jornalismo Esportivo, 2012.

IL PALLONE RACCONTA. **Cinesinho**. Disponível em: <http://ilpalloneracconta.blogspot.com.br/2007/06/cinesinho.html#more>. Acesso em: 1 out. 2017.

INTERNACIONAL. **Futebol 80**, 2016. Disponível em: <http://futebol80.com.br/links/times/internacional/internacionaljg.htm>. Acesso em 1 out. 2011.

LLEWELLYN, S.; NORTHCOTT, D. **The “singular view” in management case studies qualitative research in organizations and management**. An International Journal, v. 2, n. 3, p. 194-207, 2007

LONER, Beatriz Ana. **Jornais Pelotenses Diários na República Velha**. Ecos Revista, EDUCAT - Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, v. 2, n. 1, pp. 5-34, abril de 1998.

MERCADÉ, Juan. Marcía. **La fuerza del periodismo local em la era de la globalización electrónica**. Pontevedra: Universidade de Vigo, 1992

NASL. **Rosters**. Disponível em: http://nasljerseys.com/Rosters/Cosmos_Rosters.htm. Acesso em: 1 out. 2017

OLIVEIRA, Rodrigo. **A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. Historiæ, Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011.

PALMEIRAS. **Há exatos 50 anos, Chinesinho se despedia do Palmeiras.** Disponível em: <http://www.palmeiras.com.br/noticias/id/11885>. Acesso em: 1 out. 2017.

PATTON, M. G. **Qualitative Research and Evaluation Methods**, 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002

PORCOPEDIA. **Fichas da Copa Libertadores da América de 1961.** Disponível em: https://www.porcopedia.com/index.php?title=Fichas_Copa_Libertadores_da_Am%C3%A9rica_1961. Acesso em: 1 out. 2017.

PORTO, Mauro P. **Enquadramento da Mídia e Política.** In: RUBIM, Antônio Albino (org). Comunicação e Política: Conceitos e abordagens. Salvador, 2004. Revista Placar de novembro de 1994.

QUADROS, Lauro. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 10 de janeiro de 2019.

RIBEIRO, Débora. **Dicionário Online.** Disponível em <https://www.dicio.com.br/craque/>. Acesso em: 11/10/2018.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa.** Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

RUBIO, Katia. **Aspectos do Mito do Herói na Constituição do Imaginário Esportivo Contemporâneo.** In: VOTRE, S. (Org.) Imaginário & Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2001a.

RUBIO, Katia. **Do imaginário esportivo ao mito contemporâneo: contribuições do Grupo de Estudos Olímpicos da Universidade Federal de São Paulo (USP).** In: DA COSTA, L. Seminários Espanha-Brasil Universidade e Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2006.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói.** São Paulo: Casa do Psicólogo 2001b.

SATT, Sérgio. Entrevista ao autor. Rio Grande, 15 de dezembro de 2018.

STORIE DI CALCIO. **Chinesinho – Sidney Cunha**. Disponível em: <http://storiedicalcio.altervista.org/blog/cinesinho-sidney-colonia-cunha.html>. Acesso em: 1 out. 2017.

TUTTOCATANIA. **Juventus-Catania, dall'Etna a Torino il memorabile passaggio dell'ex Cinesinho**. Disponível em: <http://www.tuttocatania.com/news/juventus-catania-dall-etna-a-torino-il-memorabile-passaggio-dell-ex-cinesinho-111786>. Acesso em: 1 out. 2017.

VOSS, C.; TSIKRIKTSIS, N.; FROHLICH, M. **Case research in operations management**. International Journal of Operations & Production Management, v. 22, n. 2, p. 195-219, 2002.

XAVIER FILHO, Sérgio. Entrevista ao autor. Porto Alegre, 15 de agosto de 2018.

ZINI PIRES, Luiz. Entrevista ao autor, Porto Alegre, 20 de agosto de 2018.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br